

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

NAYARA VITÓRIA CALDAS DA SILVA

ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA DOS LIVROS DE INFANTO-JUVENIS E O
INCENTIVO À LEITURA: OS USUÁRIOS DA BIBLIOTECA PARQUE ESTADUAL

Rio de Janeiro

2022

NAYARA VITÓRIA CALDAS DA SILVA

**ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA DOS LIVROS DE INFANTO-JUVENIS E O
INCENTIVO À LEITURA: OS USUÁRIOS DA BIBLIOTECA PARQUE ESTADUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Orientador (a): : Prof. Dr. Robson Santos Costa

Rio de Janeiro

2022

Ficha catalográfica

S586a Silva, Nayara Vitória Caldas da

Adaptação cinematográfica dos livros de infanto-juvenil e o incentivo à leitura: os usuários da Biblioteca Parque Estadual / Nayara Vitória Caldas da Silva. Rio de Janeiro, 2022.

81 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orietador: Prof. Dr. Robson Santos Costa.

1. Adaptação cinematográfica. 2 Literatura infanto-juvenil. 3. Leitura 4. Cinema. 5. Biblioteca Parque Estadual. I. Costa, Robson Santos. II. Título.

CDU: 808.2

NAYARA VITÓRIA CALDAS DA SILVA

**ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA DOS LIVROS DE INFANTO-JUVENIL E O
INCENTIVO À LEITURA: OS USUÁRIOS DA BIBLIOTECA PARQUE ESTADUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 2022.

Prof. Dr. Robson Santos Costa
Orientador (a)

Prof. Dra. Ana Senna
Membro interno

Prof. Ms. Lucia Maria da Cruz Fidalgo
Membro interno

Dedico este trabalho à minha mãe Lúcia que sempre esteve comigo e acreditou no meu potencial.

AGRADECIMENTOS

Chegar na graduação foi uma das maiores conquistas da minha vida, antes de chegar até aqui perdi pessoas que amariam ver essa conquista, e através desse agradecimento eu gostaria de começar por eles, que estiveram na minha vida e se foram tão cedo.

Agradeço a Deus por estar comigo a todo momento e por não ter deixado eu me perder quando acreditei que tudo estava perdido. Agradeço a minha mãe que sempre acreditou em mim, e foi a minha maior motivadora durante esses quatro anos de graduação. Sei que ela sempre sonhou ter uma filha estudando na UFRJ, e agora ela pode dizer para todos que tem uma filha que irá se formar pela melhor universidade do Brasil. Também sou grata pela minha família que esteve comigo, me apoiando e me dando suporte e muito amor durante toda a minha vida.

Agradeço às minhas amigas de infância, Juliana Honório e Fernanda Almeida que me apoiaram e vibraram comigo em todas as minhas conquistas. Saibam que sem o apoio de vocês eu não seria a mesma.

Agradeço às minhas amigas de graduação, que foram essenciais durante os quatro anos. Começando pela Amanda por ter me proporcionado muitas risadas nos momentos de tensões, também sou grata pela Mariana por todo amor e carinho, agradeço a Barbara por ser uma grande amiga nos últimos anos, se não fosse pelas nossas conversas diárias eu me transformaria no Coringa e principalmente a Natasha por ser uma grande amiga, irmã e a minha base no decorrer desse trejeito, sem seu apoio eu tudo isso seria mais difícil. E assim posso dizer que sou grata por ter conhecido todas vocês.

Também sou grata ao meu professor e orientador Robson por ter sido atencioso e ter aceitado participar dessa jornada junto comigo.

E por fim, agradeço a mim mesma por ter tido dedicação, esforço e muita vontade para chegar até aqui. Pois no final, tudo isso vale a pena.

“Imagine uma nova história para a sua vida, e acredite nela. Concentre-se apenas nos momentos em que conseguiu o que desejava – e esta força irá lhe ajudar a conseguir o que quer.” (PAULO COELHO, 2009).

RESUMO

A adaptação cinematográfica de obras literárias está cada vez mais presente na atualidade, portanto, torna-se importante compreender a relação que essas adaptações têm com o leitor. O presente trabalho tem como objetivo principal analisar se é possível que obras cinematográficas adaptadas de livros infanto-juvenis incentivem o gosto pela leitura e a criação de novos leitores. Tem uma metodologia de caráter exploratório e usa a abordagem qualitativa e quantitativa. A partir disso buscou-se coletar os dados através de entrevistas com quatro usuários da Biblioteca Parque Estadual para compreender a relação das adaptações com o leitor e o incentivo das buscas pelos livros do gênero literário infanto-juvenil que foram adaptados para o cinema. Conclui-se que as adaptações cinematográficas dos livros de infanto juvenil são capazes de incentivar a leitura de novos leitores e motivar a busca por livros de outros gêneros literário.

Palavras-chave: Adaptação cinematográfica. Literatura infanto-juvenil. Leitura. Cinema. Biblioteca Parque Estadual.

ABSTRACT

The cinematographic adaptation of literary works is increasingly present nowadays, therefore, it becomes important to understand the relationship that these adaptations have with the reader. The main objective of the present work is to analyze whether it is possible for cinematographic works adapted from children's books to encourage the taste for reading and the creation of new readers. It has an exploratory methodology and uses a qualitative and quantitative approach. From this it sought to collect data through interviews with four users of the Biblioteca Parque Estadual to understand the relationship of adaptations with the reader and the encouragement of searches for books of the children's literary genre that have been adapted for cinema. It is concluded that cinematographic adaptations of children's books are able to encourage new readers to read and to motivate the search for books of other literary genres.

Keywords: Cinematographic adaptation. Children's literature. Reading. Cinema. Biblioteca Parque Estadual.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Mapeamento socioeconômico dos usuários entrevistados.....	53
Tabela 2 – Top empréstimos por obra da Biblioteca Parque Estadual.....	67
Tabela 3 – Top empréstimos por obra dos livros de infanto-juvenis.....	68

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

BP	Bibliotecas Parques
BPE	Biblioteca Parque Estadual
BPM	Biblioteca Parque de Manguinhos
BPN	Biblioteca Parque de Niterói
BPR	Biblioteca Parque da Rocinha
CCBB	Centro Cultural Banco do Brasil
INEPAC	Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
LEED	Leadership in Energy and Environmental Design
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNSL	Programa Nacional Salas de Leitura
SECEC	Secretaria de Estado de Cultural e Economia Criativa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	Problema.....	13
1.2	Objetivos.....	14
1.3	Justificativa.....	14
2	INFORMAÇÃO E DOCUMENTO.....	16
3	LEITURA.....	21
3.1	Leitores.....	24
4	LITERATURA INFANTO- JUVENIL.....	28
4.1	Literatura Infanto-juvenil no Brasil.....	30
5	CINEMA.....	33
5.2	Cinema e Literatura.....	34
6	ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA	37
6.1	Adaptação de obra literária.....	39
7	BIBLIOTECAS PARQUES DO RIO DE JANEIRO.....	44
8	METODOLOGIA.....	52
8.1	Campo de pesquisa.....	52
8.2	Técnica de coletas.....	52
8.3	População/Amostra.....	53
8.3.1	Critério de Inclusão.....	53
8.3.2	Critério de Exclusão.....	53
9	CARACTERISTICAS DOS SUJEITOS.....	54
9.1	Entrevistas com os usuários.....	55
9.1.1	Relação com a Biblioteca Parque Estadual.....	55
9.1.2	Ligação entre a literatura e cinema a partir da visão dos usuários.....	57
9.1.2	A leitura e o leitor.....	62
9.1.4	Leitura dos usuários.....	67
10	CONCLUSÃO.....	71
	REFERÊNCIAS.....	73
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	78
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	80

1 INTRODUÇÃO

As adaptações das obras literárias para o cinema vêm sendo bastante frequentes em nossa atualidade, para Rodrigues e Zaninelli (2009, p. 50) uma adaptação cinematográfica “nem sempre se preocupa em expor conceitos já existentes numa determinada obra escrita”, os autores dizem que ela pode apresentar novos valores e até mesmo ser mais interessante que a própria obra que a inspirou.

Atualmente, muitas obras literárias de diferentes gêneros vêm sendo adaptadas para o cinema, partindo deste pensamento, este trabalho visa analisar se as obras cinematográficas são vistas como um incentivo para atrair novos leitores a criarem o hábito da leitura. Bénica (2016) aborda que os jovens reconhecem as adaptações de cinema como uma forma de incentivo à leitura, sendo que essa influência vem a partir dos filmes assistidos por eles, e que isso desperta a curiosidade de saber mais da história e a vontade de fazer comparações entre o filme e a obra adaptada. Para a autora, “eles gostam de ver o que imaginaram, ou de, ao ler após ver o filme, relembrar o que foi visto, criando novas imagens na mente a partir do que pôde ver no filme” (BÉNICA, 2016, p.76).

Pensando nisso, podemos observar que muitas das obras literárias de sucesso que foram adaptadas para o cinema são do gênero literário de infanto-juvenil. Livros como *Harry Potter* de J. K. Rowling, *Percy Jackson* de Rick Riordan, *Jogos Vorazes* de Suzanne Collins, *Diário de um banana* de Jeff Kinney, *As Crônicas de Nárnia* de C. S. Lewis e muitos outros são algumas dessas obras literárias que tiveram destaque e chegaram aos cinemas nacionais e internacionais.

Após as adaptações cinematográficas das obras literárias citadas acima, os livros ganharam novos leitores, fãs e capas novas relacionadas ao filme.

Além disso, Custódio (2022) afirma que:

Os filmes adaptados de livros infanto-juvenis e jovem-adultos começaram a ganhar espaço nas telonas a partir de 2001 com o sucesso da franquia *Harry Potter*, em que o primeiro filme alcançou mais de 1 bilhão de dólares nas bilheterias. Aos poucos, seguindo as tendências literárias, outras franquias apareceram: *As Crônicas de Nárnia* (*The Chronicles of Narnia*, 2005), *Crepúsculo*, *Percy Jackson*, *Jogos Vorazes* (*The Hunger Games*, 2012), etc. Essa geração possuía temática fantástica — representando mundos mágicos e mitológicos, com as mais diversas criaturas — ou distópica, que teve impactos na cultura pop adolescente e incentivou a leitura dos jovens (CUSTÓDIO, 2022, p. [1]).

Por esta razão, foi buscado informações por meios da Biblioteca Parque Estadual para saber se os livros infanto-juvenis que possuem adaptação cinematográfica são procurados pelos seus

usuários e se essas adaptações cinematográficas os incentivaram a ler o livro em algum momento da vida.

Com o intuito de responder aos objetivos e ao problema desta pesquisa os dados serão coletados a partir de entrevistas com usuários da Biblioteca Parque Estadual que possuem registros no seu sistema de empréstimo. Além disso, também será buscado no sistema de empréstimo da Biblioteca Parque Estadual as obras mais emprestadas pelos seus usuários, com o intuito de verificar se de fato os livros do gênero infanto-juvenil que possuem adaptação cinematográfica atraem novos leitores.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, pretendeu-se verificar as definições e os contextos que os termos Informação e Documento se inserem, buscando criar-se uma ligação entre os dois a partir da visão de pesquisadores que se aprofundaram nos estudos sobre ambos os termos. Além disso, foram abordados as características de Leitura e os tipos dela através do livro “O que é leitura?” da autora Maria Helena Martins (1994) que disserta sobre os três tipos de leitura que passam pelos leitores, desta forma, foi pretendido conhecer os tipos de leitores com base nas pesquisas da autora Santaella (2019) que os define os divide partir de cada época histórica.

Visto assim, cria-se refletir sobre a Literatura Infanto-Juvenil no momento em que a criança é vista como tal, tendo as possibilidades de começar a ler histórias voltadas para a sua faixa etária, também veremos os autores e histórias de obras literárias que contribuíram para o desenvolvimento do leitor e do público infanto-juvenil. Vale lembrar a importância do cinema como meio cultural e as variedades que ele traz, como as adaptações cinematográficas, que muitas das vezes podem ser baseadas em peças, músicas, teatros e obras literárias.

Referindo-se a Adaptação Cinematográfica, enxerga-se que histórias de obras literárias infanto-juvenis vem chegando cada vez mais nas telas do cinema e criando a oportunidade para as pessoas conhecerem e se aprofundarem nas obras literárias.

Nesta pesquisa, retrata-se o surgimento das Bibliotecas Parques do Rio de Janeiro e a forma como ela atua atualmente após as crises financeiras, o fechamento e os projetos que foram desenvolvidos nas unidades.

1.1 Problema

É possível que as obras cinematográficas adaptadas de livros infanto-juvenis incentivem o gosto pela leitura e a criação de novos leitores?

1.2 Objetivos

O objetivo geral deste trabalho é analisar se é possível que obras cinematográficas adaptadas de livros infanto-juvenis possam incentivar o gosto pela leitura e a criação de novos leitores. E os objetivos específicos apresentados na pesquisa são para:

- a) Analisar as adaptações literárias dos livros infanto- juvenis para o cinema;
- b) Recolher informações dos livros de infanto-juvenil adaptados para o cinema mais procurados pelos leitores;
- c) Conhecer a relação dos usuários com a Biblioteca Parque Estadual;
- d) Verificar se e como as adaptações de cinema dos livros infanto- juvenis incentivam a leitura do público juvenil.

1.3 Justificativa

O cinema possui uma grande importância cultural, pois os filmes são uma forma de atrair diferentes pessoas fazendo-as se emocionarem, refletirem, se divertirem dentre outros sentimentos. Pensando nisso, o presente trabalho teve o seu tema escolhido por conta de uma experiência pessoal da autora, que passou a ter mais interesse pelos livros e a leitura após assistir uma adaptação cinematográfica de uma obra literária.

Com o intuito de buscar informações mais específicas sobre o assunto, foi pensado fazer uma pesquisa com os usuários de uma biblioteca pública do Rio de Janeiro para compreender os motivos que os fizeram se interessar pela leitura e se as adaptações cinematográficas contribuíram para este ato.

Buscando a entender a relações entre o cinema e a literatura são existentes, Cristóvão (2010, p. 209) afirma que as relações entre ambos existem de várias possibilidades, isso porque em determinados momentos tanto o cinema quanto a literatura fazem uso um do outro.

Atualmente muitas das obras literárias que se tornaram adaptações fílmicas são de livros do gênero literário infanto-juvenis, histórias como *Harry Potter* - que foi uma das primeiras adaptações cinematográficas de grande sucesso - atraíram muitas pessoas a se interessarem pelo livro. Sabendo disso, esta pesquisa buscou entender através dos usuários de uma biblioteca pública se os filmes do gênero literário infanto-juvenis como, *Harry Potter*, *Percy Jackson*, *As Crônicas de Nárnia* e etc os motivaram a ler e saberem mais sobre essas histórias. Isso porque

muitos dos livros que têm adaptação cinematográfica ganharam destaque após o surgimento do filme.

A partir disso, iniciou-se uma pesquisa com os usuários da Biblioteca Parque Estadual do Centro do Rio de Janeiro para saber o motivo que os levaram a gostarem da leitura, a relação destes com a biblioteca e o cinema e se as histórias literárias de infanto-juvenis que têm adaptação cinematográfica os induziram de algum modo a lerem o livros.

Visto assim, esta pesquisa visa contribuir para o desenvolvimento da prática de leitura em novos leitores, entendendo como a biblioteca pública pode favorecer para que este ato aconteça com precisão.

2 INFORMAÇÃO E DOCUMENTO

O conceito de “informação” pode ser interpretado de várias formas, pois o termo pode ser caracterizado em diferentes contextos. Segundo Capurro e Hjørland (2007, p. 149) o conceito de informação “no sentido de conhecimento comunicado, desempenha um papel central na sociedade contemporânea”. Os autores atestam que após a disseminação e o desenvolvimento tecnológico a partir da Segunda Grande Guerra Mundial e a emergência da ciência da informação como disciplina nos anos 50 comprovam este fato citado (CAPURRO; HJORLAND, 2007).

Apesar do conhecimento e da comunicação possuírem importância para o desenvolvimento básico do ser humano, foi através dos meios tecnológicos que grandes mudanças ocorreram no âmbito social e no saber pela busca de informação.

O surgimento da tecnologia da informação causou grandes impactos globais em nossa sociedade, como prova disso, ela se caracterizou como sociedade da informação. Este termo surgiu no século XX, no período em que a tecnologia obteve grandes avanços, pois após a “explosão” da informática e telecomunicação ocorrida na década de 70, a sociedade teve a oportunidade de conhecer novas formas e fontes de adquirir informação (NOVO, 2021). Naquela época, parte da população viu a tecnologia como forma de mudanças sociais significativas no sentido de informação como natureza digital.

Segundo Araújo (2014) foram identificados quatro conceitos principais na teoria da informação feita por Shannon e Weaver (1949), que seriam: “o da visão cognitiva” (proposta por Brookes e desenvolvida por Belkin); o de Buckland (que, ao propor a ideia de “informação como coisa”, reintroduz o conceito de documento na área); e o quarto, relacionado ao desenvolvimento de distintas teorias como “a análise de domínio, o sociocognitivismo, a hermenêutica e a semiótica”. (ARAÚJO, 2014, p. 67).

A partir dos fundamentos de Buckland (1991) adentra-se na questão do tangível e do intangível da informação, pois “enquanto a informação como conhecimento é totalmente intangível e imensurável, a informação como coisa, por ser tangível, permite a descrição e expressão da informação como conhecimento” (SIQUEIRA, 2011, p.79), ou seja, através da informação as pessoas são capazes de aprender e desenvolver um raciocínio que amplie o seu conhecimento.

Matheus (2005) aponta que Capurro (2003) identifica diversos paradigmas epistemológicos relacionados às diferentes abordagens na Ciência da Informação. Pois:

“As relações entre epistemologia e CI têm uma complexa história, que não é possível aqui mostrar numa visão detalhada [...]. Naturalmente que essa seleção e esquematização [paradigmas físico, cognitivo e social] não só simplificam de forma extrema a complexidade das proposições, como podem dar lugar a um mal entendido, considerando a presente exposição como avanço histórico, posto que muitas teorias se entrecruzam com distintas intensidades e em diversos períodos” (MATHEUS, 2005, p. 151).

Capurro (2003) destaca três paradigmas epistemológicos na área da Ciência da Informação, físico, cognitivo e social. Capurro aborda que o paradigma físico “pode ser entendido como um agrupamento dos paradigmas anteriormente identificados, especificamente o da representação, o da fonte-canal-receptor e o platonista materialista” (CAPURRO, 1991 *apud* MATHEUS, 2005, p. 152); o paradigma cognitivo possui abordagens “[...] intermediária(s) entre o paradigma cognitivo mentalista de Brookes e o paradigma social” do qual tem ênfase nas necessidades dos usuários, em situações problemas e nos modelos mentais CAPURRO, 1991; CAPURRO, 2003 *apud* MATHEUS, 2005, p. 153); e o paradigma social “tem suas origens na obra de Jesse Shera, oriundas da década de 1970, atualmente é representado pelas teorias de Bernd Frohmann, Birger Hjørland, Rafael Capurro e Søren Brier.” (CAPURRO, 2003 *apud* MATHEUS, 2005, p. 151). Sobre o paradigma social Capurro (1991) afirma:

[...] que diversas ferramentas e práticas das ciências sociais e da filosofia vêm sendo utilizadas pela CI, dentre elas: hermenêutica; análise de discurso; análise de domínio; redes sociais. Complementarmente ao paradigma social, como uma vertente mais orientada para a filosofia, Capurro também cita a semiótica, de Charles Sanders Peirce, e a hermenêutica, representada por nomes como Wittgenstein, Wersig, Winograd e Flores, Aristóteles e Heidegger (CAPURRO, 1991 *apud* MATHEUS, 2005, p. 153).

Em busca pelo conceito de “informação”, muitos pesquisadores e estudiosos buscaram maneiras de definir o termo citado. Pois por ter diversos contextos, os autores Capurro e Hjørland (2007) tiveram um importante destaque na procura por respostas no contexto de Ciência da Informação. (CAPURRO; HJORLAND 2007, *apud* ARAÚJO, 2014).

A ciência da informação possui diferentes abordagens para definir o seu conceito, pois "a definição de ciência da informação não pode ser associada a definições isoladas das duas palavras que a compõe, ou seja, 'informação' e 'ciência', porque são muito amplas e dão margem a muitas reflexões filosóficas". (MERCADO 1974, p. 69 *apud* GALVÃO, 1993, p. 103). Com base entre a filosofia e o significado da palavra, Hayes afirma que:

"[...] é evidente que a palavra informação tem uma variedade de significados. Num extremo, os engenheiros a identificam com a transmissão através de canais de comunicação e com as propriedades estatísticas de signos. Num outro extremo, os filósofos podem dizer que informação é algo que estudaram durante anos. Alguns identificam informação com dados registrados; outros, com o conteúdo do texto; outros, com a experiência estocada na mente humana. Assim, é difícil propor um significado

para ciência da informação de acordo com estes conceitos de informação. De fato, a tentativa para se definir a palavra informação supõe o recurso a outros termos - dado, conhecimento, sabedoria e informação". (HAYES, 1969, p. 218 *apud* GALVÃO, 1993, p. 103).

Desse modo é muito difícil dar apenas um significado à palavra informação, pois sua amplitude a relaciona a diferentes contextos gerados por engenheiros, filósofos, dentre outros pesquisadores que buscam respostas a este termo.

Assim como a informação, a Ciência da Informação possui diferentes abordagens que possam definir a sua origem. Para Meadows (1999 *apud* SIQUEIRA, 2011) a Ciência da Informação e a Documentação possuem suas origens ligadas ao desenvolvimento científico do Século XX, que “teve seu surgimento muito ligado à ciência em seu sentido lato, considerada como uma decorrência da institucionalização das ciências” (MEADOWS, 1999 *apud* SIQUEIRA, 2011).

O termo documentação veio da palavra documento “do latim; documentum = docere = ensinar”, ou seja, objeto de ensino e transmissão de conhecimentos" (ZAHER, 1974, p.52 *apud* GALVÃO, 1993, p. 102). Como é possível perceber, este termo não deriva de um espaço físico ou institucional, mas sim como forma de documentar uma informação para possuir conhecimento.

Apresentando a origem da palavra documento de forma histórica, a autora Sambaquy cita que:

“[...] durante a Segunda Guerra Mundial, a necessidade de obtenção de informações científicas e técnicas urgentes, obrigou a engenheiros, químicos, físicos, biólogos a deixar seus laboratórios de pesquisa e trabalho para organizarem serviços especiais de informações, a que resolveram denominar de centros de documentação. Estabeleceu-se, em seguida, o ensino da documentação como disciplina especial distinta da biblioteconomia. Caracterizava-se a documentação como especialmente interessada no domínio das informações e dados que se apresentavam como unidades básicas de suas atividades" (SAMBAQUY, 1978, p.53 *apud* GALVÃO, 1993, p. 102-103).

Além desta afirmação, a autora também pontua que, ao contrário da Biblioteconomia, que não conseguiu cuidar das “explosões documentárias”, a documentação foi a maneira de preservar a grande quantidade de documentos que possuíam importantes informações. Figueiredo (1977, p. 6 *apud* GALVÃO), menciona que as técnicas documentárias são publicações de diversos materiais de fonte de informação, como relatórios de pesquisas, artigos de periódicos, teses, patentes e outros materiais de informações científicas.

Na Europa, o termo Documentação teve aceitação “desencadeando a criação de centros de documentação, congressos, institutos e a formalização profissional de especialistas” (ORTEGA, 2009 *apud* SIQUEIRA 2011). Já em países como Inglaterra e Estados Unidos

optaram por usar o significado da palavra ligado à informação, com origem aos estudos da Ciência da Informação (ORTEGA, 2009 *apud* SIQUEIRA 2011).

Enquanto a Documentação se destacava na Europa, a Biblioteconomia se desenvolveu nos EUA com o início das bibliotecas públicas entre o fim do século XIX à primeira metade do século XX. Siqueira (2010) cita que “a biblioteca era vista como uma instituição social organizada e definida, parâmetros delineados pela Escola de Chicago, que durante os anos 20 e 30 constituíram o modelo de biblioteca nos EUA.”

A autora aborda o pensamento de Frochot (2003 *apud* SIQUEIRA, 2011) que define a informação em caráter objetivo e subjetiva. Na objetiva ele “ressalta a acepção anglo-saxônica, onde o termo é considerado uma entidade genérica da qual podem ser extraídas pequenas partes ou um conjunto de dados específicos que tenham um significado especial a um determinado indivíduo” (SIQUEIRA, 2011, p. 85). E na subjetiva “tudo teoricamente poderia ser considerado informação, já que o que confere a algo tal, poder“ é o indivíduo” (SIQUEIRA, 2011, p. 85). Além disso, ela ressalta que Frochot (2003) discute a relação da informação e documentação de forma simples, para ele o documento é o registro que grava as informações. Seguindo esta linha de raciocínio, é possível citar que fontes de informações como periódicos, livros, panfletos, anais e entre outros são grandes suportes que registram informações de diferentes contextos.

Através destas fontes e entre outras não citadas, os documentos que possuem registros de informações possuem uma grande importância para as pessoas, porque são elas que possibilitam a transmissão do saber e o enriquecimento do conhecimento (FROCHOT, 2003 *apud* SIQUEIRA, 2011).

Já Moreiro González (2005 *apud* SIQUEIRA, 2011) aborda que os termos Documento e Informação se complementam, visto que a finalidade do documento seria uma forma de transmitir a informação, ou seja, “o processo documentário só se completaria quando a mensagem fosse efetivamente disponibilizada, sendo que tal ação só se concretiza por completo quando adquirisse significado pela comunicação interpessoal” (SIQUEIRA, 2011, p. 88). Visto assim, entendemos que, desse modo, é possível indicar que a informação e a comunicação são vistas como conceitos de troca de informações através do processo documentário. Para Siqueira (2010) a expressão “informação-documento” é vista do modo em que o termo “documento” é definido pelo termo “informação”, ou seja, o primeiro possui um valor substantivo enquanto o outro o define, o que parte de uma concepção objetiva.

Obtendo uma breve noção sobre os termos “informação e documento”, no próximo tópico partiremos para entender a base e a funcionalidade da leitura para aquelas que possuem informação e entendimento através do que se lê.

3 LEITURA

Em 1300 a.C a frase “na voz daquele que o ler” era recitado na escriba egípcia, pois para eles, acredita-se, que ler significa declamar (FISCHER, 2006). Com isso, comprova-se que muito antes das pesquisas mais contemporâneas buscarem conceitos e afirmações sobre a leitura ou o hábito de ler, antigos egípcios já desenvolviam definições e explicações sobre o uso e a prática da palavra. No livro “História da leitura”, Fischer (2006) cita a diferença entre leitura e escrita. Enquanto a escrita prioriza o som e a palavra falada como sinais representativos, a leitura prioriza os significados, ou seja, apesar de um complementar o outro, o hábito e o gosto pela leitura pouco tem a ver com a capacidade de escrever.

Fischer (2006) define a leitura moderna como “capacidade de extrair sentido de símbolos escritos e impressos”. “O leitor emprega os símbolos para orientar a recuperação de informação de sua memória e, em seguida, cria com essas informações, uma interpretação plausível da mensagem do escritor” (FISCHER, 2006, p. 11).

Quando se fala sobre leitura, é possível pensar na decifração das palavras, dos signos e do ato de ler, no sentido de estigmatizar uma definição ao texto e a habilidade de interpretação (GÓIS, 2012). No artigo “*Discutindo sobre leitura*” o autor José Aroldo da Silva cita que “a leitura é um processo de compreensão de mundo que envolve características essenciais singulares do homem, levando a sua capacidade simbólica e de interação com outra palavra de mediação marcada no contexto social”. (SILVA, 2011, p. 26).

Silva (2011) também destaca que o texto só se torna completo com o ato da leitura na medida em que se atualizam a linguística e o conjunto de temas por um autor.

Segundo Oliveira e Prados (2014) uma das características que a leitura tem, é permitir que o leitor possua acesso à informação e aos conhecimentos fornecidos no mundo, isso é, através da leitura podemos construir pensamentos, imaginação e estar atentos às novas informações surgidas pela sociedade.

Além das características citadas no parágrafo acima, Martins (1994) faz grandes análises e procuras para a compreensão da leitura e do leitor. Pensando nisso, ela traz reflexões e pensamentos sobre a questão da leitura. Martins (1994) aborda três níveis básicos de leitura, sendo eles: Leitura sensorial; Leitura emocional e Leitura racional. Isso porque “cada um desses três níveis corresponde a um modo de aproximação ao objeto lido” (MARTINS, 1994, p. 37).

a) **Leitura sensorial**

A leitura sensorial nos acompanha desde os anos iniciais e por toda a nossa vida, ela representa nossas primeiras escolhas, os primeiros gostos e motiva as primeiras revelações, o que o torna marcante para o leitor. Entretanto, ela também apresenta ao leitor as primeiras rejeições do desagradável aos sentidos, e através dela que o leitor terá uma percepção do que do seu gosto pelo que vai ler, ou seja, definirá o que irá gostar e não gostar de ler (MARTINS, 1994). Apesar disso, é necessário saber que o ser humano está sempre em construção e mudanças, ou seja, isso não significa que ele rejeitará um livro, ou um gênero literário para sempre, mas sim perceber a sua preferência pelos livros, histórias e gênero literário.

A autora aborda a questão do livro como um objeto, pois ele tem formas, cores, texturas, volumes, cheiros e entre outras coisas. O livro vai além de ser um texto escrito, e é por essa razão que provoca o sentimento de gosto e admiração.

Martins (1994) nos revela que “na criança essa leitura através dos sentidos revela um prazer singular, relacionado com a sua disponibilidade (maior que a do adulto) e curiosidade (mais espontaneamente expressa) (MARTINS, 1994, p. 42). Ela diz que o livro atrai as crianças pelo formato e a facilidade do manuseio, além da possibilidade de abrir e decifrar o mistério, Martins (1994) destaca que “esse jogo com o universo escondido num livro” vai estimular a descoberta, a linguagem e a capacidade de comunicação, surgindo assim, suas primeiras escolhas pelo livro, aqueles que contêm ilustrações coloridas os agrada mais que os livros que contêm mais texto do que a imagem em si. A partir disso, surgirão suas novas escolhas e o tipo de livro que lhes interessará.

Para os leitores adolescentes do público de livros da categoria conhecida como “infanto juvenil”, o gosto e o desejo pela leitura se tornará maior que o simples favoritismo por um livro ou gênero específico, ele lhe trará emoção, desejos e sentimentos intensos pela história desejada, trazendo então a paixão literária, e quando uma leitura nos provoca emoções como, tristeza, alegria, nostalgia, lembranças, curiosidade e estimula a nossa fantasia e criatividade, nós deixamos de ler por um sentido e seguimos para outro nível de leitura, o emocional (MARTINS, 1994, p. 48).

b) Leitura emocional

Enquanto a leitura sensorial nos traz o desejo, o conforto e a vontade de ler apenas o que lhe interessa, a leitura emocional lida com os sentimentos do leitor, despertando a criatividade, a imaginação e os seus sentimentos mais profundos. Martins (1994) acredita que a leitura emocional é possivelmente a que nos dá mais prazer, e se torna a mais comum para

aqueles que dizem “gostar de ler”. Martins (1994) revela que certas pessoas, ambientes, situações, conversas, imagens e a leitura tem o poder de libertar nossas fantasias e emoções. Às vezes o indivíduo lembra de situações e ambientes vividos e que ficaram registrado em sua memória através de um filme, música, ou a leitura de um romance. Assim também acontece com as memórias mais “desagradáveis”, após alguma leitura, esse sentimento pode ser trazido à tona.

Um exemplo dado pela autora Martins (1994) é que “um texto lido às pressas para realizar uma prova” pode causar sentimentos de irritação, preocupação, medo e entre outras emoções que a leitura causa nas pessoas.

Apesar da leitura emocional causar prazer entre os leitores, esse tipo de leitura também pode causar sentimentos “ruins” ao ler algo que se torna “insuportável”, ou um sentimento de “verdadeiro sentido de angústia” (MARTINS, 1994, p. 51). Isso porque na leitura emocional, as lembranças sobre um determinado livro ou texto que o indivíduo leu, fica registrada na memória do leitor, seja ele agradável ou não, pois quando não agrada o seu gosto, dificilmente ele voltará a ler aquele tipo de texto com o “espírito aberto”, ou seja, sem nenhum problema ou preconceito, mas caso isso mude, a leitura do qual não agradou o leitor trazer uma nova percepção e sentidos a ela, pois para Martins (1994) ela revive a lembrança da primeira vez que foi lido, podendo ser visto de forma positiva ou negativa.

Um livro é capaz de trazer inúmeras sensações, como já dito, a leitura emocional nos causa diferentes emoções, sejam elas tristes ou felizes, pois é ela que tem a capacidade de trazer esses tipos de sentimentos. Pois, muito dos livros provocaram comoção e intensos sentimentos entre os leitores, pois a leitura emocional liga-se à relação afetiva entre o texto e o leitor (COSTA, [2017?]).

Assim como filmes, peças, telenovelas etc, o livro também é um recurso que faz as pessoas se emocionarem, a pensar, imaginar o improvável, ou até mesmo o que estamos sentindo. As histórias lidas em livros, nos trazem à tona sentimentos que muita das vezes escondemos, através delas, os leitores podem se sentir compreendidos e aceitos através do que foi lido.

Quando o leitor sai da busca pela leitura que apenas o envolva sentimentalmente e passa a buscar significados e respostas para o que se lê, ele passa da leitura emocional, para a leitura racional.

c) Leitura racional

A leitura racional é uma reflexão, pois se trata de alguém que lê e busca respostas e questionamento sobre o texto que está lendo (MARTINS, 1994 *apud* COSTA, [2017?]).

A autora Martins (1994, p.65) ressalta que “a leitura racional é certamente intelectual, enquanto elaborada por nosso intelecto; mas, se a enuncio assim, é para tornar mais evidentes os aspectos positivos contra os negativos do que em regra se considera leitura intelectual”. Isso se dá porque a leitura racional torna visível o seu caráter mais reflexivo e dinâmico. A autora também destaca que:

Ao mesmo tempo que o leitor sai de si, em busca da realidade do texto lido, sua percepção implica uma volta à sua experiência pessoal e uma visão da própria história do texto, estabelecendo-se, então, um diálogo entre este e o leitor com o contexto no qual a leitura se realiza. Isso significa que o processo de leitura racional é permanentemente atualizado e referenciado (MARTINS, 1994, p. 66).

Em resumo, ela explica que a leitura racional complementa a leitura sensorial e emocional pelo fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão e a readaptação do mundo objeto, assim possibilita dar significados e questionamentos sobre a sua individualidade como universo e relações social no seu ato de ler, e não é apenas por ser racional, mas sim por abrir seus horizontes e ampliando as possibilidades da leitura através dos textos e da sua realidade com o social.

Através da leitura racional o leitor desenvolve o seu intelecto e o raciocínio diante ao texto que está lendo, ela traz mudanças no aspecto pessoal do leitor, fazendo com que mude seus pensamentos e repense sobre a sua antiga perspectiva sobre as coisas do mundo, ou seja, por meio da leitura racional, pode se buscar respostas, novos conceitos e desenvolver ideias sobre algum conhecimento já atribuído pelo leitor.

Diante dos três níveis básicos de leitura apresentados pela autora Maria Helena Martins, também veremos os três tipos de leitores.

3.1 Leitores

Canuto (2009) difere os leitores de acordo com as épocas. No século XXI os leitores possuem habilidades de ler, e interpretar e codificar diferentes signos, já na Idade Média, o leitor era meditativo de uma era pré-industrial, o da era de imagem fixa e o que ler texto/livro impresso. Com a padronização dos livros, surgiu o leitor fragmentado, o que se divide em várias partes, ou seja, “que vê e sente os estímulos do seu contexto” (CANUTO, 2009).

Pensando nessas divisões, Santaella (2019) define os tipos de leitores como: Leitor Contemplativo; Leitor Movente e o Leitor Imersivo.

I. Leitor contemplativo

O “Leitor Contemplativo” é o leitor do qual acompanhou a história do livro, o que tem o costume de ler texto impresso, Santaella (2019, p. 22) destaca que “trata-se de uma prática de intimidade entre o leitor e o livro, caracterizada pela leitura silenciosa, individual e solitária”. Ou seja, o leitor necessita ficar recluso para obter concentração mental, e capacidade de conhecer situações para compartilhar pensamentos e ideias através da leitura escrita por outra pessoa. Além disso, o melhor local de leitura deste leitor é a biblioteca, pois é o “ambiente propício para o desenvolvimento da capacidade de entrega cognitiva, imaginativa e interpretativa induzida pelo texto” (SANTAELLA, 2019, p. 23).

No século XVI ao XIX, os materiais como, livros, enciclopédias e dicionários eram vistos como materiais privilegiados e quase exclusivos no sentido de transferência de conhecimento e da cultura no geral, por conta deles, universidades europeias começaram a possuir destaque. No entanto, Santaella (2019, p. 23) cita que de acordo com a “Revolução Industrial e das novas máquinas de produção de linguagem que ela trouxe (a fotografia, o telégrafo e as rotatórias), essa soberania começou a sofrer concorrência do jornal, das revistas e da publicidade”.

Assim, a cultura livresca que possuíam textos e imagens passou a evoluir e as imagens em movimentos do cinema começaram a se destacar, ganhando forças para um novo movimento chamado de “leitor movente”.

II. Leitor movente

O leitor movente é também conhecido como “fragmentado”, sendo capaz de reunir imagens e novas formas de ler. Santaella (2019) aborda que o leitor de jornal e o espectador de cinema se difere do leitor contemplativo, pois o “tipo de cognição cujo ritmo de percepção e atenção mudou de marcha, adaptado à aceleração e ao burburinho dos grandes centros urbanos” (SANTAELLA, 2019, p. 23). Até porque:

O que se tem aí é um novo tipo de leitor, treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes, cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidades desiguais; leitor apressado da linguagem efêmera, híbrida, misturada que o jornal inaugurou, levando consigo um leitor fugaz, novidadeiro, de memória curta, mas ágil (SANTAELLA, 2019, p. 23).

Além do jornal, as publicidades de rua começaram a ganhar destaque na cidade com mensagens e sinais. Com essas mudanças, o leitor pensativo, observador, e de imaginação fértil passou a conviver com o leitor de movimentos, formas, traços, cores e luzes que se acendem e a apagam, como o cinema. Ou seja, o leitor movente é aquele que “se move na grande cidade, no movimento do trem, do bonde, dos ônibus e do carro, e o movimento das câmeras de cinema”, pois enquanto a cultura do livro desenvolve o pensamento lógico do leitor, os conteúdos audiovisual comanda o pensamento “associativo, intuitivo e sintético” (SANTAELLA, 2019, p. 24).

Dessa forma, é possível dizer que esse tipo de leitor foi prontificando a sua sensibilidade e perspectiva humana para o surgimento de um novo leitor, o imersivo, também conhecido como o leitor virtual.

III. Leitor Imersivo

O leitor imersivo, conhecido também como o leitor virtual é visto como um introdutor de que apresenta um novo modo de ler e obter novas informações. Santaella (2019) fala que:

“O adjetivo “imersivo” ajusta-se a esse tipo de leitor porque, no espaço informacional, ele se detém em telas e programas de leitura, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis. Cognitivamente em estado de prontidão, esse leitor conecta-se entre nós e nexos, seguindo roteiros multilineares, multissequenciais e labirínticos que ele próprio ajuda a construir ao interagir com os nós entre textos, imagens, documentação, músicas, vídeo etc.” (SANTAELLA, 2019, p. 24).

Ou seja, o leitor imersivo é um novo tipo de leitor que veio junto com a era digital, e obtém as informações com mais prontidão e rapidez. Baseado no estudo de leitor imersivo da Santaella (2004), Morales (2009) define o leitor imersivo como aquele que escolhe a forma que quer receber as informações, seja ela completa ou não. Além disso, a autora destaca que

“[...] o leitor imersivo não tem mais tempo para contemplação, ele observa, entende busca, escolhe e age tudo ao mesmo tempo. Ele sabe que há muito a ser visto e não teme não ter decodificado a rota semiótica ‘certa’, ele sabe que os dados podem ser percorridos de maneiras infinitas por isso também confia parte de seu ‘arquivo’ de memória a equipamentos eletrônicos.” (MORALES, 2009, p. 8)

Nicholas Carr (2008 *apud* SANTAELLA, 2019) aborda que experimentos explicam que os leitores de texto alfabético e os leitores de ideograma se desenvolvem de forma diferente no aspecto de circuitos mentais. É destacado que essas mudanças ocorrem em várias regiões cerebrais, incluindo aquelas que direcionam as funções cognitivas como os estímulos visuais, auditivos e memoriais. A autora relata que quando navegamos na internet, redes sociais são

ligadas a circuitos cerebrais distintos dos que se desenvolvem quando estamos lendo algum livro.

Santaella (2019) diz que os leitores contemplativo, movente e imersivo “não são excludentes”, pois a existência de um não faz desaparecer o outro. Até porque os três tipos de leitores complementam-se.

4 LITERATURA INFANTO- JUVENIL

Por volta do século XVII a literatura infanto-juvenil inicia sua aparição nas primeiras histórias de leitura, no momento em que “[..] a criança começa a ser reconhecida como tal e não mais como um adulto em miniatura, a sociedade volta-se para elas valorizando-as e considerando suas necessidades próprias e particularidades“ (CURIA, 2012, p. 6). Zilberman (1985) também aponta dizendo que:

“A literatura para crianças e jovens expande-se como gênero literário a partir do momento em que a infância passa a ser considerada não apenas uma faixa etária diferenciada, mas também um período da existência com características singulares, que requer cuidados especiais e atendimento particularizado” (ZILBERMAN, 1985, p.98).

Silva [201?], cita que por muitos anos a literatura era voltada para os adultos, deixando de perceber a criatividade e a riqueza das experiências ocorridas na infância. Neste período as instituições de ensino e os familiares observam estas mudanças de fases que ocorrem na vida da criança, lhe dando uma educação adequada de acordo com a sua faixa etária.

Segundo Ceccantini (2004 *apud* BIASIOLI, 2007) o não incentivo às pesquisas de infanto-juvenil se da à inconstância do objeto em causa, que não aprofunda em estudos para ter definições mais claras e precisas ao assunto, que acaba causando limitações que situam “numa espécie de limbo acadêmico, que o transforma, por vezes, em propriedade de todos e, ao mesmo tempo, de ninguém.” (CECCANTINI, 2004, p.[20] *apud* BIASIOLI, 2007, p. 92). Isso porque segundo Ceccantini (2004):

Trata-se de um tipo de literatura cujas fronteiras são muito nebulosas; não pode ser definido por características textuais, seja de estilo, seja de conteúdo, e seu público principal, a “criança-leitora”, é igualmente escorregadio. Como um outsider do universo acadêmico, não se encaixa nitidamente em nenhuma das disciplinas estabelecidas e tem sido certamente esnobado por alguma delas. (CECCANTINI, 1990 *apud* BIASIOLI, 2007, p. 92).

Ou seja, a falta de definição para literatura infanto-juvenil resulta nos diferentes estilos e conteúdos que a compõem, como o seu tipo de público, definido como “escorregadio” por Ceccantini (1990). Segundo o autor, esse tipo de gênero literário não recebe a importância que deveria ter devido ao universo acadêmico ter marcado esse gênero literário como um caráter pedagógico moralizante (BIASIOLI, 2007).

Voltando a falar do século XVII, diferentes autores fizeram história na literatura infantil e juvenil, Charles Perrault foi um deles, que escreveu grandes títulos que foram e são

importantes para a literatura infantil, sendo eles: “*O Gato de Botas, A Gata Borralheira, Chapeuzinho Vermelho, A Bela adormecida, Barba Azul, O Pequeno Polegar*, dentre outros” (NASCIMENTO JR, 2012, p.27). Silva, [201?] diz que:

Assim como grande parte dos gêneros literários, as produções infanto-juvenis têm como fonte as narrativas populares advindas da oralidade. Exemplo disso são as histórias coletadas da Antiguidade por La Fontaine, como é o caso das fábulas de Esopo. No ano de 1697, Perrault publica a obra *Contos de Fadas ou Histórias do Tempo Antigo: Contos da Mamãe Ganso* dando a devida atenção ao acabamento literário dos contos colhidos da tradição oral. (SILVA, [201?, p. 1]).

Já no final do século XIX as instituições de ensino do Brasil começaram a estimular as produções literárias infantis, “garantindo a circulação destas obras e divulgando os projetos educacionais do governo e ideologias dominantes” (CURIA, 2012, p. 6). Assim, o gênero infantil e infanto-juvenil se mantém dominante por conta da união que ocorre entre escola e literatura. Curia (2012), menciona que “[...] muitos críticos não consideram o gênero uma manifestação artística, pois o único compromisso deste tipo de texto é inculcar ideologias”.

Esse pensamento foi imposto pelo fato da literatura apresentar características e linguajar voltado para as crianças e adolescentes, sendo o seu intuito principal tornar a literatura infanto-juvenil uma demanda pedagógica.

Azevedo e Carvalho (2018) ressaltam que apesar da escola ser responsável pelo incentivo à leitura, muitas vezes a literatura escolhida por eles reprimiam a liberdade leitora dos estudantes, esse aspecto vem da historicidade do livro infanto-juvenil, que no século XIX era usado de forma educativa. Logo depois, esse gênero buscou priorizar o imaginário, porém, nas escolas, os livros trabalhados eram voltados para a alfabetização e não para o desenvolvimento lúdico das crianças e adolescentes.

Sobre a literatura infanto-juvenil, Taets (1997, p.94 *apud* AZEVEDO; CARVALHO, 2018, p. 33) problematiza a literatura infanto-juvenil de qualidade como:

“[...] um bom texto para crianças seria claro e conciso o suficiente ao ponto de estabelecer com elas um diálogo enriquecedor.” Ou seja, a criança é um leitor que participa ativamente da leitura no que seria "um bom texto para crianças", quando se dita o que é certo ou errado a uma criança, não se permitiu diálogo algum, e sim um discurso de cima para baixo, onde alguém está certo e conseqüentemente o outro está errado” (TAETS, 1994, p. 94 *apud* AZEVEDO; CARVALHO, 2018, p. 33).

Já Ribeiro (1997, p. 10 *apud* AZEVEDO; CARVALHO, 2018, p. 33) acredita “[...] que o único critério para conceituar o gênero Literatura Infantil e Juvenil seja o gosto da criança é uma falácia e uma forma de perpetuar as diferenças e a mediocridade”

Azevedo e Carvalho (2018) acrescentam que para atrair jovens leitores, as obras literárias de infanto-juvenil precisam ser escritas para crianças, mas não como crianças, pois vale lembrar que são adultos que estão escrevendo essas histórias, e eles precisam respeitar o universo desses leitores trabalhando o linguajar, desenvolvendo lúdico e o imaginário de quem vai ler.

Sabendo disso, veremos um pouco do surgimento da Literatura infanto-juvenil no Brasil

4.1 Literatura Infanto-juvenil no Brasil

No Brasil a literatura infanto-juvenil ganhou força e reconhecimento após as primeiras publicações de Monteiro Lobato. Em 1921 o autor iniciava a sua trajetória de sucesso no mundo literário infantil depois da publicação do livro *Narizinho Arrebitado* – segundo livro de leitura para uso das escolas primárias. “Embora estivesse estreando na literatura escolar com *Narizinho Arrebitado*, Monteiro Lobato já trazia em sua primeira obra as diretrizes de uma literatura infanto-juvenil” (BIASOLI, 2007, p.92). Pode-se afirmar que Monteiro Lobato foi um dos primeiros autores brasileiros a pensar na literatura voltada para o público infantil e juvenil como forma de estimular, desenvolver e atribuir o gosto e o hábito de ler, sem se restringir às obrigações pedagógicas dos livros didáticos (BIASOLI, 2007).

O autor Gregorin Filho (2009) conta que foi através do surgimento da literatura de Monteiro Lobato que as crianças passaram a ter voz no mundo literário infantil e juvenil (GREGORIN, 2009, p.28 *apud* ANDRADE; QUINTELA, 2013). Além de Monteiro Lobato, outros autores tiveram uma importância no literário infanto-juvenil, obras de sucesso fizeram história através de autores como:

Odette de Barros Mott (1913- 1988), Edy Lima (1924), Wander Piroli (1931-2006), Ruth Rocha (1931), Lygia Bojunga (1932), Stella Carr (1932), Ziraldo (1932), João Carlos Marinho (1935), Marina Colasanti (1938), Ana Maria Machado (1942), Mirna Pinsky (1943), Bartolomeu Campos de Queirós (1944) e Sérgio Capparelli (1947). Assim, a literatura infantojuvenil brasileira produzida nas décadas de 1960 e 70 “assume um dos traços mais fortes da herança lobatiana” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1985, p. 125 *apud* LUFT, 2010, p. 113-114).

Para Zilberman (1985, p. 101) o que determinou o crescimento quantitativo na produção da literatura para crianças e adolescentes no Brasil, foram “o aumento da faixa de escolarização obrigatória, a partir da reforma de ensino; a euforia econômica do início dos anos 70; e os novos investimentos editoriais, visando a um mercado específico”, ou seja, isso mostra que o público do gênero literário de infanto-juvenil passou pela fase capitalista e começou a ser mais consumidor do que o público adulto.

A partir da década de 80, Curia (2012) relembra que em decorrência de priorizar a formação de novos leitores, a literatura infanto-juvenil foi privilegiada pelas políticas públicas de governo, pois foram criados dois importantes programas como, *Programa Nacional Salas de Leitura – PNSL – (1984-1996)* para contribuir para a distribuição de livros de literatura infanto-juvenil para as escolas e o *Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE – (1997-2002)* que ajudou na distribuição de obras literárias de referência, e materiais de apoio para as escolas públicas de ensino fundamental. Além disso, foi criada uma equipe de profissionais intelectuais de Comissão Especial para decidir as obras que fariam parte destes acervos. Após esses programas, Curia (2012) ressalta foram surgindo outros importantes programas de incentivo à leitura no Brasil.

Até que em 1997 surge um novo fenômeno literário, e um personagem que "transcendeu" o livro, o "Harry Potter" do primeiro livro da série "Harry Potter e a Pedra Filosofal", Curia (2012) revela que assim que o livro foi lançado ele se tornou em um *best-seller*, e Biasioli (2007) acrescenta que após os livros como esse, outros livros do gênero literário infanto-juvenil foi bem aceito pelo público jovem.

Atualmente, nota-se que crianças e adolescentes possuem direitos essenciais para a construção de um mundo mais justo (COSTA, 2016). Entretanto, "ainda existem abusos e violações das leis que buscam assegurar uma vida digna a esses indivíduos, que estão em pleno desenvolvimento moral e intelectual, [...]. (COSTA, 2016, p. 99). Costa (2016) menciona que um dos principais direitos que as crianças e adolescentes possuem é o acesso à educação, que contribui para que esses indivíduos tenham o primeiro contato com a literatura, que pode "ser vista como peças que se coadunam para que os menores tenham a oportunidade de um desenvolvimento salutar" (COSTA, 2016, p. 99).

Nesse sentido, é possível dizer que a prática da leitura pode ser essencial para desenvolvimento da formação do novo leitor, pois segundo Costa (2016):

Aquilo que o indivíduo lê, durante sua trajetória de vida, contribui, indubitavelmente, para sua construção enquanto sujeito. A literatura infantojuvenil, nesse sentido, pode se configurar como um dos fatores de um processo benéfico que se desenrolará ao longo das demais fases do ser humano (COSTA, 2016, p.99).

Diante disto, Costa (2016) aponta a importância do acesso das crianças e adolescentes ao mundo dos textos literários nos dias atuais. A literatura com o foco nos livros infanto-juvenis dá a oportunidade dos adolescentes se conectarem e se reconhecerem nos livros que estão lendo, por que:

[...] a literatura infanto-juvenil contemporânea se constitui com a presença de personagens caracterizados de forma mais próxima à realidade, fato que pode servir

como forma de atração e identificação por parte do público leitor, possibilitando, dessa forma, uma maior compreensão do mundo que o cerca, tendo em vista que o texto literário se inscreve de maneira direta na realidade vivida (MAZIERO; NIEDERAUER, 2009, p. 112).

Desse modo, entendemos que a leitura deve ser estimulada em casa, na escola, por amigos e no nosso dia a dia, pois é ela que desperta o imaginar, e o prazer de consumir histórias literárias.

A autora Verdolini, [201?] diz que:

A produção literária infanto-juvenil deve ser sempre renovada, visto que o conceito de infância, e mesmo de juventude, muda frequentemente. A leitura deve ser estimulada como um hábito prazeroso, podendo começar com textos mais simples e próximos da realidade, pois isso pode contribuir para a adesão de seus leitores ao mundo das letras dos adultos (VERDOLINI, 201?, p. 3).

Também é preciso citar a relação da literatura infanto-juvenil e o cinema, pois apesar de parecerem assuntos distintos, desde muito tempo ocorre uma ligação entre os dois.

A literatura infanto-juvenil vem sendo aproveitada pelo cinema desde o trabalho inicial de Walt Disney, por meio do desenho animado. Obras clássicas da literatura infanto-juvenil chegaram ao cinema por meio da Disney. Além da experiência da Disneylândia, outras produções cinematográficas têm feito sucesso com a utilização da literatura infantil e juvenil, no contexto do melhor cinema brasileiro (LITERATURA INFANTO-JUVENIL, [201?], p. 136).

Muitas histórias do mundo literário que se tornaram-se grandes *best-seller* como, *Harry Potter*, outros livros do gênero infanto-juvenil também tiveram destaques positivos como *Percy Jackson*, *Diário de um banana*, *As crônicas de Nárnia* etc, que também tiveram suas histórias adaptadas para o cinema.

Visto assim, veremos abaixo de forma teórica a história do cinema e a sua relação com a literatura.

5 CINEMA

Antes mesmo da primeira exibição cinematográfica, foram desenvolvidas inúmeras técnicas e ideias, que podem ser vistas como os princípios básicos para a construção do cinema. “Luz e sombra, reflexão e refração, os estudos da óptica e cinética, aliados à fisiologia do olho humano, constituíram os elementos formadores para a técnica cinematográfica” (THEBAS, [202?, p. 1]). Esses inventos e estudos foram fundamentais para o período do “pré cinema”, que teve o seu início na China por volta de 5.000 a.C com o “Teatro das Sombras” (THEBAS, [202?]). Este é uma arte muito antiga surgida no sudeste da Ásia, e tem uma grande importância cultural para países como China, Indonésia, Malásia, Tailândia e Camboja. O teatro das sombras refere-se a técnicas simples que usam uma tela branca com luzes, sombras de silhuetas, dentre outras formas de contar e representar histórias através das sombras.

No ano de 1895, em Paris, no café “Grand Café” os irmãos Louis e Auguste Lumière realizaram a primeira projeção cinematográfica do que hoje conhecemos como cinema. Sua primeira exibição ocorreu no mesmo ano, criada por um dos irmãos, Louis Lumière que exibiu o curta-metragem “La Sortie de l'usine Lumière à Lyon” (A saída da Fábrica Lumière em Lyon) que teve uma duração de aproximadamente 45 segundos, que narravam uma realidade cotidiana em uma espécie de fotografia animada. Apesar disso, “a noção de que o invento além de registrar poderia narrar” (BARROS, 2007, p. 11) veio do ilusionista francês, George Méliès, que por sua vez foi o primeiro a perceber que além de registrar a história, ela poderia ser narrada e contada através de imagens projetadas pelo aparelho. Méliès tentou negociar com os irmãos Lumière para adquirir o cinematógrafo, porém os dois se recusaram a “contribuir” a desenvolver a ideia de George Méliès, que só conseguiu o aparelho após a ajuda do inventor inglês Robert William Paul (BARROS, 2007).

Com isso, apenas em 1902, sete anos depois da criação dos irmãos Lumière que exibia imagens em movimentos, que o cinema passou a ser uma arte narrativa, em especial após o filme *Viagem à lua*, do “ilusionista” George Méliès, uma ficção científica com diversos efeitos, cenários, truques, maquiagem, autores e etc (BARROS, 2007) Além de Méliès, outro que também começa a se destacar pelo cinema de linguagem narrativa foi David Griffith, o primeiro a usar a montagem dinâmica, que é quando se tira a câmera do seu suporte fixo, em 1915 com o filme *O nascimento de uma nação*¹ (1915).

¹ O filme “O nascimento de uma nação” foi um dos primeiros filmes a introduzir estereótipo do negro brutal, neste filme os negros são apresentados de forma inferior, enquanto os brancos assumem a posição de poder. Atualmente “O nascimento de uma nação” é visto como um filme problemático e completamente racista.

Após conhecermos um pouco da história sobre o surgimento do cinema, no tópico abaixo, será possível discorrer a relação entre cinema e a literatura baseada em teorias, falas, e pensamentos de autores, pesquisadores e especialistas no assunto.

5.2 Cinema e Literatura

Para Jozef (2010) o surgimento do cinema foi uma das maiores transformações sofridas pela arte, pois através dele ocorreu uma nova relação entre o homem/mundo como uma forma de representação do real. Além disso, a autora também cita que o cinema criou uma linguagem específica que “possui técnicas próprias, como a montagem, os movimentos de câmera, o tratamento da imagem, embora se valha de outras linguagens e mesmo da língua para compor-se. Disto advém sua singularidade” (JOZEF, 2010, p. 237-238).

O processo narrativo do romance tradicional, no qual o narrador era onisciente, é substituído no romance moderno pelo leitor, que passa a decodificá-lo a partir de sua bagagem intelectual. Temos, então, não mais uma leitura, mas uma virtualidade delas. Isso será utilizado pelo cinema (JOZEF, 2010, p. 238).

Desta forma, vale destacar que existem relações e algumas semelhanças entre cinema e literatura, no sentido de: “o contar uma história sob forma visual do narrar, as constantes analogias, ainda que discutíveis, entre cena e palavra, sequência e frase” (JOZEF, 2010, p. 238). Entretanto, as linguagens e os códigos entre cinema e literatura se diferenciam pelo tempo de projeção e o tempo de leitura.

Gualda (2010) cita que a literatura foi o maior ato de expressão artística nos séculos XIX e XX, o cinema é atualmente o maior unificador das artes, ou seja, é o que mais atrai grandes números de interessados, a autora também descreve que a quantidade de pessoas que se interessam pela literatura se reduziu com o passar do tempo, enquanto o público que se interessa pelo cinema cresce cada vez mais, tornando-se assim, o maior meio de divulgação cultural. Gualda (2010) destaca que os dados estatísticos apresentam que a procura pelos livros literários possui crescimento de acordo com as adaptações dos romances literários para o cinema, como por exemplo: *O Código da Vinci*, *O Senhor dos Anéis* e *Harry Potter*.

De acordo com Robert Richardson (1973 *apud* GUALDA, 2010) “[...] alguns procedimentos exclusivamente cinematográficos já estavam em textos literários: montagem, enquadramentos, angulações, fotografia etc.” Para Richardson a literatura é uma arte visual, e possui pontos em comum entre as obras literárias e cinematográficas, como:

[...] a dissolução de uma imagem em outra; o acúmulo de imagens de coisas e lugares sem a presença humana; a focalização centrípeta e progressiva do muito grande para o

muito pequeno; o ponto de vista múltiplo a respeito de um dado episódio ou personagem; a velocidade da narrativa; o trabalho apurado com imagens; a elipse suprimindo o supérfluo; o processo de caracterização do protagonista; a trilha sonora pode achar equivalentes em determinados procedimentos prosódicos etc. (GUALDA, 2010, p. 205)

Pensando nisso, Gualda (2010) aproxima a obra literária e fílmica através de dois elementos: a estrutura narrativa e a impressão de realidade.

Na estrutura narrativa o cinema e a literatura possuem um grande elo entre si, Michel do Espírito Santo (1973 *apud* GUALDA, 2010) o filme é sempre uma narração, que apresenta situações de acontecimentos e de ações feitas para uma história. E a forma de relacionar com a literatura é observar que tanto um como o outro, mostra que a “[...] obra é a ação única e fundamental da mesma, e “certos pormenores e complementos, aparentemente gratuitos, formam, quando inteligentemente utilizados, uma ação unificante” (BASTOS, 1961: 172 *apud* GUALDA, 2010, p 206). Para Walter da Silveira (1966 *apud* GUALDA, 2010) ocorre uma semelhança entre o espectador que assiste um filme e o leitor que lê o livro, pois tanto um como o outro provoca a imaginação e aproximação entre aquele em que lê e aquele em que assiste a obra. Johnson (1982 *apud* GUALDA, 2010) pensa da mesma forma, pois o “[...] o romance e o filme são basicamente iguais em termos de capacidade de significar. Os dois meios usam e distorcem o tempo e o espaço, e ambos tendem a usar a linguagem figurativa ou metafórica” (JOHNSON, 1982 *apud* GUALDA, 2010, p. 206).

Já na impressão de realidade, segundo Xavier (1984) na imagem cinematográfica, ocorre a impressão de realidade por conta da representação fotográfica para produzir e confirmar as convicções da objetividade visual.

Embora exista a relação entre o cinema e a literatura, outros autores como Bluestone (1973 *apud* GUALDA, 2010) diferencia os dois como um que trabalha o meio simbólico e o outro que trabalha com a realidade física, ou seja, enquanto na literatura é preciso que haja uma colaboração entre o leitor a sua imaginação, nas obras cinematográfica é mais fácil e simples de se ver. Lopes (2004) complementa que através da leitura o leitor pode ter uma ilusão de propriedade daquilo que imaginou.

Pensando nessas diferenças, Brito (2006) aborda que existe uma diferença fundamental entre ambos, que é de ordem quantitativa. Ele explica que as pequenas cenas que ocorrem nos filmes como um “único plano” correspondem a algo grande nos livros, como: uma frase, ou um trecho longo. Ou o que é grande no cinema pode ser um elemento não tão significativo nos livros. Brito (2006) nos revela que esse “[...] desencontro quantitativo (que, naturalmente, tem as suas

conseqüências qualitativas!), no nosso caso, pode ser ilustrado pelos tratamentos dados a uma mesma situação diegética em *Vidas Secas*, romance e filme” (BRITO, 2006, p. 31).

Existe no filme uma longa seqüência de cenas, inexistentes no romance, construídas na seguinte ordem: 1) durante toda a noite Fabiano se contorce, na prisão, com as costas chagadas pela chibata da polícia, e é ajudado pelo jovem cangaceiro que com ele partilha a cela; 2) na manhã seguinte, numa das ruas do povoado, Sinhá Vitória e os meninos vêem um grupo de homens a cavalo ordenar ao padre a libertação do cangaceiro preso; 3) na cela, o cangaceiro é solto, e com ele Fabiano, por ordem de seu patrão; 4) na estrada, de volta ao sítio, Fabiano e os cangaceiros cavalgam e na despedida, o seu ex-companheiro de cela lhe formula o convite para ingressar no bando de que faz parte: Fabiano pensa um pouco, mas um mugido distante de gado parece lhe lembrar a família e a profissão... e ele diz não (BRITO, 2006, p. 31).

Brito (2006, p.31) complementa que essa seqüência se encontra em trecho “pequeno” no livro, onde as “três breves referências introspectivas de Fabiano a um vago desejo seu de deixar a família e entrar para o cangaço”.

Gualda (2010) aborda uma importante questão sobre o cinema e a literatura, que é sobre o tempo e o espaço entre os dois, algo que se difere pois:

Há três níveis de tempo cronológico no romance: 1) a duração dos eventos narrados; 2) o tempo do narrador e 3) o tempo da leitura. No filme, o tempo que o espectador leva para assistir ao filme geralmente coincide com o tempo do narrador. Ambos podem compactar e estender o tempo: o romance trabalha com a diferença entre o tempo do leitor e o tempo dos eventos narrados; o filme se vale da câmera, que pode ser lenta ou acelerada. (GUALDA, 2010, p. 2013).

Por essa razão, pode se dizer que no cinema o esquema temporal é mais amplo, já que nos mostra aquilo que está acontecendo e a importância do que se passa, pois não é um evento isolado e sim a representação entre o passado e o futuro. Enquanto na literatura se diz a respeito do que já aconteceu. (GUALDA, 2010).

Após discorrermos sobre a relação entre as linguagens da literatura e do cinema, no próximo item veremos opiniões e afirmações de estudiosos no âmbito da adaptação cinematográfica.

6 ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA

A adaptação cinematográfica é a transposição de uma obra ou história de ficção ou não ficção escrita de romance, contos, peças, quadrinhos entre outros trabalhos escritos para a linguagem do cinema. Desde o início do cinema, na Europa do século XIX a adaptação de diversas obras e gêneros diferentes vem sendo presente nos cinemas de diversos lugares do mundo.

O estudo e o conceito sobre adaptação cinematográfica ocorreu recentemente por meio de acadêmicos, dentre deles, um dos mais importantes foi Robert Stam (2006, p.20), que cita em seu artigo que “o discurso sobre a adaptação sutilmente reinscreve a superioridade axiomática da literatura sobre o cinema.” Stam (2006) argumenta dizendo que os estudos sobre adaptação vão além deste discurso literário, pois tem focado mais nas qualidades do que é adaptado do que nos assuntos de estatuto teórico da adaptação e o interesse analítico das adaptações. O seu objetivo em relação ao estudo sobre adaptação não é corrigir o que está errado nas adaptações mais específicas, e sim desconstruir as opiniões sobre as adaptações feitas para o cinema.

Além de Stam, a autora Linda Hutcheon também possui teorias e pesquisas importantes sobre a *adaptação*, de acordo com a sua pesquisa “*adaptar* quer dizer ajustar, alterar, tornar adequado” (HUTCHEON, 2013, p.26), sendo que tal ato pode ser feito de diferentes modos. Através do livro *A Teoria da Adaptação* de Hutcheon, Diego (2009) aborda o questionamento da autora no que se refere à “adaptação”, citando que “uma adaptação é igualmente um produto e uma produção” (DIEGO, 2009, p. 2). O produto é uma entidade formal do qual possui a natureza de um palimpsesto, ou seja, uma obra que se caracteriza por obter traços de imitação de outra obra, já a produção é caracterizada por ser mais criativa, e seguir um processo mais específico da leitura, recriando e interpretando a obra anterior.

Pensando em uma forma de especificar melhor a adaptação, Hutcheon a descreve da seguinte forma: “Uma transposição declarada de uma ou mais obras reconhecíveis; Um ato criativo e interpretativo de apropriação/ recuperação; Um engajamento intertextual extensivo com a obra adaptada” (HUTCHEON, 2013, p. 30). Com isso, a adaptação não é uma cópia ou uma segunda obra, e sim, uma nova história baseada em uma obra existente.

Uma das abordagens de Stam e Hutcheon são os “preconceitos” e os “julgamentos” de obras importantes adaptadas para o cinema. Stam (2006) aborda em seu texto a mediocridade e a má orientação de muitos dos romances importantes adaptados para o cinema. Hutcheon (2013, p. 24) por sua vez, reflete o seguinte pensamento: "Se as adaptações são, por definição, criações

tão inferiores e secundárias, por que estão assim presentes em nossa cultura e, de fato, em número cada vez maior?” Pois de acordo com as estatísticas de 1992, apresentadas pela autora, 85% dos filmes que venceram o Oscar na categoria de “melhor filme” são de uma adaptação. Linda traz à tona o estudo de Stam sobre os preconceitos, do qual ela cita a “iconofobia” e a “logofilia”. Stam (2006) aborda os dois como:

iconofobia (o preconceito culturalmente enraizado contra as artes visuais, cujas origens remontam não só às proibições judaicoislâmico-protestantes dos ícones, mas também à depreciação platônica e neo-platônica do mundo da aparências dos fenômenos); 4) logofilia, (a valorização oposta, típica de culturas enraizadas na “religião do livro”, a qual Bakhtin chama de “palavra sagrada” dos textos escritos); (STAM, 2006, p. 21).

Assim, observa-se que a visão negativa da adaptação vem das expectativas criadas pelo fã do livro, que deseja que tudo que ele tenha lido seja igual ao filme adaptado, e também por parte do ensinador da literatura que deseja a proximidade do texto com o que foi adaptado cinematograficamente.

Falando sobre adaptação como cópia ou originalidade, Stam (2006) cita que em “perspectiva derridiana, o prestígio aural do original não vai contra a cópia, mas é criado pelas cópias, sem as quais a própria idéia de originalidade perde o sentido” (STAM, 2006, p. 22). Isso é, mesmo que o filme seja uma “cópia”, ainda assim ele é uma produção “original” para outras “cópias” posteriores adaptadas do filme. Linda Hutcheon observa que o fracasso de algumas adaptações não é sobre a fidelidade da história anterior, e sim a falta de criatividade e habilidade para tornar a adaptação em algo que pertence ao seu adaptador.

Refletindo as opiniões sobre adaptação, Hutcheon (2013) destaca que as adaptações de livros são importantes para incentivar a leitura das crianças, isso porque um filme adaptado de um livro pode influenciar e fazer com que as crianças procurem ler o texto do qual serviu de base. Uma das obras abordadas pela autora é do filme, *Harry Potter* de J. K. Rowling, onde Philip Pullman (2004 *apud* HUTCHEON, 2013) nomeia esse incentivo como “argumento de mérito”, pois o apreço pelo filme faz com que as crianças procurem a ler o livro.

Vale lembrar que *Harry Potter* possui fãs fiéis aos livros, e por essa questão, uma adaptação não muito “bem feita” pode causar uma grande decepção, Linda (2013) ressalta que o diretor de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2001) diz que o público teria o crucificado se ele não seguisse a fidelidade dos livros.

Refletindo sobre o incentivo que livros como *Harry Potter* podem causar em novos leitores, no próximo tópico veremos um pouco mais das adaptações cinematográficas, citando alguns dos livros infanto-juvenis adaptados para o cinema.

6.1 Adaptação de obra literária

De acordo com Amaral e Silveira (2021) as adaptações das obras literárias existem desde o surgimento do cinema. Apesar das críticas em relação às adaptações cinematográficas, atualmente elas vêm tendo muito sucesso nas telas do cinema. A autora Anna Maria Balogh (2005, p. 48 *apud* AMARAL; SILVEIRA, 2021 p. 33) diz que “a passagem de um texto literário para um texto fílmico pressupõe uma operação intertextual específica.” [...]. Assim como os outros autores que estudam sobre a adaptação, Amaral e Silveira (2021) refletem a respeito das possíveis rejeições de alguns livros adaptados para o cinema. Isso se dá ao fato de que a pessoa que lê a obra cria um imaginário de características e pensamentos sobre o livro ou determinado personagem, tendo uma nova interpretação e criando a expectativa de como a adaptação fílmica pode ser realizada. As autoras explicam que “para adaptar uma arte para outra é preciso ter consciência que obra literária é obra literária, e que filme é filme. Que cinema e literatura se utilizam de linguagens diferentes e, portanto, não é uma tarefa fácil” (AMARAL; SILVEIRA, 2021, p. 34). Pois apesar da obra adaptada buscar o livro como inspiração e base no seu processo de produção, é preciso saber que os dois são opostos que se complementam na elaboração de um filme, e que não é fácil ligar duas linguagens diferentes.

Balogh (2005, p. 55) destaca que “na prática se reconhece como adaptado o filme que “*conta a mesma história*” do livro no qual se inspirou, ou seja, a existência de uma mesma história é o que possibilita o “reconhecimento” da adaptação por parte do destinatário”. Refletindo sobre as adaptações, abaixo abordaremos três livros do gênero infanto-juvenil que foram adaptados para o cinema e que fazem sucesso entre os leitores: Harry Potter; Percy Jackson; Fala sério, Mãe!.

1) **Harry Potter**

Harry Potter foi criado pela autora J. K. Rowling nascida na Inglaterra e formada em Francês e Línguas Clássicas na Exeter University. A ideia de escrever a saga aconteceu em uma viagem de trem que atrasou e acabou durando quatro horas (SMITH, 2003 *apud* BRUNO, 2016). Neste percurso, Rowling escreveu suas ideias em guardanapos, e desenvolveu a história por cinco anos.

O primeiro livro lançado da saga ocorreu em junho de 1997 no Reino Unido, chamando-se então, *Harry Potter and the Philosopher's Stone*. No Brasil, o livro foi traduzido para Harry Potter e a Pedra Filosofal pela editora Rocco em abril dos anos 2000 (ROWLING, 2012, *apud* BRUNO, 2016).

A saga conta a história de Harry Potter, um menino órfão que vivia sob os cuidados dos seus tios, dos quais o menosprezava e o fazia dormir em um armário embaixo da escada. Até que aos 11 anos, descobre ser bruxo e a sua fama no mundo da magia (BRUNO, 2016).

Ao todo a autora Rowling escreveu sete livros, que foram lançados entre o ano de 1997 a 2007. Os livros da saga tiveram muito sucesso no Reino Unido e em outros lugares do mundo. Bruno (2016) relata as informações retiradas do site oficial da autora que:

“[...] o segundo livro, *Harry Potter e a Câmara Secreta*, após o seu lançamento, teve a sua primeira tiragem esgotada em poucas semanas; o terceiro, *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, junto aos anteriores, entrou para a lista dos mais vendidos de 2000, de acordo com o ranking da revista *Veja*; o quarto, *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, teve 100.000 exemplares de tiragem inicial e após o lançamento do quinto livro, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, a editora Rocco recebeu mais de 10 mil cartas de fãs querendo saber mais sobre o próximo livro a ser lançado. O sétimo livro, *Harry Potter e as Relíquias da Morte* nas primeiras vinte e quatro horas seguidas de seu lançamento, quebrou o recorde de vendas, a qual pertencia, curiosamente, ao livro anterior a ele, *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, com a venda superior a onze milhões de cópias e a sua primeira tiragem esgotou-se em menos de uma semana” (ESTADÃO, 2007 *apud* BRUNO, 2016, p. 25).

Observando os números, nota-se o sucesso que a obra obteve ao longo dos anos e o quão importante ela foi para a literatura. Busato (2010) aborda que a história trabalhou a imaginação dos leitores e trouxe o prazer que a leitura proporciona, a euforia e a expectativa entre pessoas de todas as idades, gênero e etnia.

Sendo um grande marco para a literatura infanto-juvenil, não demorou muito para que o livro se tornasse filme. Em novembro de 2001 *Harry Potter e a Pedra Filosofal* ganhou vida nos cinemas de vários países, o protagonista foi interpretado pelo ator Daniel Radcliffe que trabalhou até o oitavo e último filme, lançado em julho de 2011.

Da mesma forma que antigas obras literárias adaptadas ganharam críticas, Harry Potter não passou despercebido. Bruno (2016) revela que alguns dos fãs da saga não gostaram do filme pela ausência de alguma cena ou pelas mudanças ao longo do filme. A questão é que as adaptações dos livros para os filmes sempre vai deixar de agradar o público, Tavares (2021) cita que sempre houve polêmica em relação aos livros adaptados para o cinema, sendo que “essa natureza dupla da obra adaptada não quer dizer que ela deva obrigatoriamente ter proximidade ou fidelidade com o texto base, nem que essas questões sejam utilizadas como foco de uma análise” (TAVARES, 2021, p. 205). Hutcheon (2013) reconhece que a adaptação faz com que atraia um novo público para conhecer o texto do qual foi adaptado, além de existir outras dimensões do conhecimento.

Em um estudo sobre “As interações e experiências de fãs de Harry Potter no Brasil e na Bélgica” do autor Felipe Jailson S. O. Florêncio (2021), ele apresenta que os belgas conhecem

a saga através dos livros e antes dos filmes, enquanto os brasileiros só começaram a ler as histórias após a exibição dos filmes no cinema ou na TV aberta. Observando este estudo é perceptível ver a influência que livros adaptados para o cinema podem causar nos novos leitores.

2) **Percy Jackson**

Assim como *Harry Potter* foi e ainda é um grande sucesso entre os leitores, a série de livros *Percy Jackson* vem fazendo sucesso entre jovens e adultos apaixonados pela mitologia grega. A história foi escrita pelo norte-americano Rick Riordan que teve a ideia de escrever os livros após um dos seus filhos pedir para que ele contasse histórias sobre deuses e heróis gregos (BAUMGARTEN, 2019). Gava (2017) aponta que a série de livros *Percy Jackson e os Olimpianos* teve a sua primeira publicação em 2005, nos Estados Unidos e foi traduzida para o português em 2008. O primeiro livro sobre o herói Percy Jackson foi *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, que narra as aventuras de Perseu, mais conhecido como Percy Jackson que não apenas descobre ser um semideus, mas como também descobre que os mitos gregos são reais (BAUMGARTEN, 2019). A série *Percy Jackson e os Olimpianos* contou com cinco livros, sendo o último lançado em 2009.

Baumgarten (2019) cita que a série de livros do autor Rick Riordan fez tanto sucesso que em 2010 a história *Percy Jackson e o Ladrão de Raios* foi adaptada para o cinema, tendo como protagonista o ator Logan Lerman. Após o primeiro filme, em 2013 saiu a segunda obra do livro do autor, *Percy Jackson e o Mar de Monstros*. Apesar do livro ter tido um grande sucesso, os filmes não agradaram o seu público. Isso ocorreu porque o escritor Riordan foi excluído do roteiro dos filmes. Baumgarten (2019) ainda conta que os fãs questionaram o fato dos atores protagonistas não terem 12 anos, como a história original, além disso, as características físicas dos personagens foram alvos de críticas no roteiro adaptado.

Apesar do fracasso nas telas de cinema, o escritor Rick Riordan chamou bastante atenção com os seus livros, o que o motivou a escrever uma nova série chamada *Os heróis do Olimpo*.

A autora Baumgarten (2019) relata que o seu primeiro contato com os livros da série foi através do filme *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, mas antes não sabia que o filme vinha de uma adaptação, e que apenas em 2015 que ela encontrou os livros e finalmente resolveu ler a história de um filme que ela tanto gostou.

Apesar de ser uma história de literatura infanto-juvenil, a série de livros do personagem Percy Jackson atrai público de diferentes idades, Baumgarten (2019) acredita que isso ocorra por

conta da presença da Mitologia Grega, já Gava (2017) pensa além, ela vê a história como um meio de

“[...] reflexão de inúmeras questões voltadas para a mitologia grega, a sociedade capitalista, a indústria cultural, a cultura de massa, a espetacularização da realidade, o consumo (principalmente de imagens), a mídia-educação etc. – temas que são objetos de pesquisa de diversos trabalhos acadêmicos, incluindo a presente dissertação.”(GAVA, 2017, p. 129).

Pensando no relato de Baumgarten (2019) sobre o encontro com os livros da saga, é notório perceber que por mais que a adaptação cinematográfica de uma obra literária não agrade parte do seu público, ainda sim, pode ser que ela possa incentivar e atrair um novo leitor a buscar mais pela história literária que adaptou o filme.

3) Fala sério, Mãe!

Assim como os livros internacionais, livros nacionais também foram adaptados para o cinema brasileiro. A história do livro *Fala sério, Mãe!* da escritora carioca Thalita Rebouças foi lançada em 2004 pela Editora Rocco, onde aborda o cotidiano de mãe e filha desde a barriga até a vida adulta da filha (LE MOS, 2019). Sant’Anna (2017, p. 53) acrescenta que “[...] na primeira parte, as memórias da mãe e na segunda parte as impressões da protagonista até ela completar 21 anos; abrange, portanto, o período entre 1983 e 2004” A obra da escritora possui uma leitura fluida e com inúmeras referências da época do início dos anos 2000. A série “Fala sério!” conta com sete livros, o último (até o momento) publicado em 2015.

A autora Sant’Anna (2017) destaca que seis dos livros da série “[...] produz literatura que atende aos conflitos oriundos do mundo adolescente, diverte com suas obras destinadas a seu público consumidor, atentando tão somente para as demandas da indústria cultural (Sant’Anna, 2017, p.54). Isso mostra que a autora foi de suma importância para o público infanto-juvenil que estava a procura de um livro do qual revelasse os seus sentimentos e frustrações em relação a adolescência.

Sendo um grande sucesso entre os jovens, o livro “Fala sério, Mãe! ganhou uma adaptação para os cinemas brasileiros no ano de 2017, tendo como protagonistas as atrizes Larissa Manoela e Ingrid Guimarães que interpretavam mãe e filha na obra adaptada para o cinema.

Lemos (2017) aborda que o filme fez uma releitura do livro, mas sempre buscando manter a história original através de cenas significativas para os leitores. Como adaptação, o roteiro do filme obteve algumas e acréscimo de cenas, como a festa de 15 anos da personagem.

Além disso, Lemos (2017) acrescenta que a maioria dos espectadores da obra são jovens e adolescentes que procuram o livro e estabelecem uma relação entre os dois criando e desenvolvendo a leitura e o senso crítico. Lemos (2017, p. 40) levanta uma questão importante, que é a diferença entre o filme e o livro, citando que no livro o “leitor constrói imaginariamente as cenas do livro, enquanto que no filme estas imagens estão prontas”. Vale acrescentar que:

Para algumas pessoas a adaptação cinematográfica é uma das principais responsáveis pelo desestímulo à leitura do texto original, já que a adaptação cria as imagens que deveriam ser elaboradas na cabeça do leitor. Por outro lado, é preciso observar que algumas obras literárias, após serem transformadas em filme, acabam tornando o livro mais procurado, seja por curiosidade ou para comparação. (LEMOS, 2017, p. 23)

No fim, nota-se que de certa forma a adaptação dos livros para o cinema é capaz de trazer leitores curiosos ou interessados em buscar melhor as informações dos quais viu nas telas de cinema. Pois no fim, o mais importante não é só avaliar se a adaptação é boa ou ruim e sim incentivar a leitura, seja com livros, filmes ou outros recursos (LEMOS, 2017).

7 BIBLIOTECAS PARQUES DO RIO DE JANEIRO

O autor Almeida Junior (2013) destaca que os autores Mueller, Nogueira, Serrai, entre outros, afirmam que as bibliotecas públicas surgiram na segunda metade do século XIX nos Estados Unidos e na Inglaterra, fazendo com que o ano de 1850 fosse um marco histórico para este fato (ALMEIDA JÚNIOR, 2013). Almeida Junior (2013 p. 66) destaca que há “[...] entre os pesquisadores e estudiosos do assunto, uma controvérsia sobre os motivos que levaram ao surgimento da biblioteca pública, tal como a entendemos e conhecemos hoje”. Ele diz que para Madalena Wada o surgimento da biblioteca pública aconteceu a partir das exigências da revolução industrial, devido a necessidade de mão de obra qualificada, e outras teorias acreditam que o motivo do surgimento da biblioteca pública foi para a população ter acesso gratuito à educação (ALMEIDA JUNIOR, 2013).

No Brasil, o primeiro projeto para ter uma Biblioteca, ocorreu no dia 5 de fevereiro de 1811 por Pedro Gomes Ferrão de Castello Branco que “encaminhou um projeto ao governador da Capitania da Bahia, solicitando a aprovação do plano para a fundação da Biblioteca”. (SUAIDEN, , 2000, p. 52). Este plano foi aprovado em 4 de agosto de 1811, com o intuito de facilitar o acesso aos livros, e a Biblioteca foi inaugurada no Colégio dos Jesuítas, localizado na Bahia. Após este período, Suaiden (2000) cita que outras bibliotecas foram criadas pelos governos estaduais, porém, com a falta de visão dos administradores, algumas bibliotecas foram criadas sem previsão de infraestrutura, com locais improvisados, acervos desatualizados, doações e instalações precárias e com entre e outros problemas. O que acabou resultando em uma imagem negativa para o público usuário, pois eles afirmavam que o local se tratava de um castigo, ou feitos para uma classe composta por eruditos.

No Rio de Janeiro, a primeira biblioteca a ser inaugurada foi a Biblioteca Nacional, que foi aberta para o público em 1814 (LUCENA, 2015). O autor Lucena (2015) também diz que “é possível afirmar que o surgimento da Biblioteca Nacional começou com a chegada da Família Real Portuguesa, em 1808”.

Atualmente a Biblioteca Nacional é considerada oficialmente, pela Unesco, a oitava maior do mundo, pelo seu valor histórico e pela quantidade de peças do seu acervo. Possui a mais rica coleção de livros da América Latina, com mais de nove milhões de peças. Está sob sua responsabilidade coletar, guardar, preservar e difundir a produção bibliográfica brasileira. Hoje, ela é referência insubstituível para profissionais das humanidades, das ciências, das artes, pelos que pesquisam sobre a construção do Brasil e as projeções europeias no Novo Mundo. (PORTELLA, , 2010, p. 249).

Visto assim, é possível notar a grande importância que a Biblioteca Nacional possui para o Estado do Rio de Janeiro. Além dela, também tivemos O Real Gabinete Português de Leitura que se localiza no Rio de Janeiro, que foi “criado com a finalidade de ampliar os conhecimentos

aos portugueses residentes na capital na época do Império” (MORI, [2022, p1]). O Real Gabinete Português da Leitura transformou-se em uma biblioteca pública no ano de 1900, no mesmo ano qualquer pessoa poderia ter acesso ao acervo.

Em 1931 foi a vez da criação da Biblioteca do Banco do Brasil-CCBB que possuía um acervo de livros técnicos. Com a abertura do CCBB, no ano de 1989, a biblioteca se tornou uma fonte de consulta para as áreas de Artes, Literatura e Ciência Sociais (CCBB, [202?]). Atualmente a biblioteca do CCBB conta com um acervo de 150 mil exemplares de livros nacionais e internacionais.

Hoje, o acervo conta com cerca de 150 mil exemplares, incluindo nacionais e estrangeiros. Além disso, o espaço oferece sala de multimídia e sala de leitura com capacidade para 125 pessoas, três salas para obras gerais, sala de referências com enciclopédias e dicionários, sala de literatura infanto-juvenil com mais de quatro mil títulos e salas com coleções especiais (CCBB, [202?, p. 1]).

Além dessas bibliotecas, no Rio de Janeiro também foi inaugurado o projeto de Bibliotecas Parques do Rio de Janeiro, que através do Decreto nº 44.694, de 28 de março de 2014, veio para promover a leitura, contribuir para a disseminação da produção artística e permitir a todos o acesso à cultura (SILVA, 2016).

Em relação à administração desse espaço, Saboya (2011 *apud* SILVA, 2016, p. 35), afirma que

As bibliotecas parque do Rio de Janeiro estão sob a gestão da Superintendência da Leitura e do Conhecimento, da Secretaria de Estado de Cultura, logo seu orçamento é oriundo do governo estadual, que investe e providencia parcerias com instituições e empresas buscando o fortalecimento para a execução das ações.

O modelo Biblioteca Parque nas bibliotecas públicas do Rio de Janeiro foi implementado pelo governo do estado do Rio de Janeiro, com vínculo ao Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)². Esse modelo veio após as visitas em países como, Colômbia, Chile, França etc. Com isso, as bibliotecas parques das cidades de Bogotá e Medellín, na Colômbia, serviram de grande inspiração para a criação das bibliotecas parques fluminense (TARGINO, 2014). De acordo com a Adriana Ratter, antiga secretária estadual de Cultura, o nome “Bibliotecas Parques” se deu pelo entendimento de que as bibliotecas não são um ambiente apenas de estudo e pesquisa, mas sim de convivência, lazer e festa. pois para ela, as famílias que conhecerão as bibliotecas parques, precisam se sentir bem como num passeio, ou em um parque (TARGINO, 2014). Silva (2016) diz que:

² A PAC é um Programa do Aceleração do Crescimento que foi lançada pelo Governo Federal em 2007 que visou estimular o crescimento econômico do Brasil através de ações de geração de renda e construção de moradias.

“[...] a biblioteca parque é vista como forte colaboradora no desenvolvimento social e no combate à violência urbana. Elas possuem face de centro cultural e querem mostrar o quanto uma biblioteca pode contribuir com a transformação de regiões onde a pobreza e a violência fazem parte de uma rotina constante (SILVA, p.33, 2016).

Na Colômbia, as bibliotecas parques trouxeram impactos positivos sobre a comunidade, pois nos seus dois anos de funcionamento, ela trouxe admiração, respeito e gratidão entre a população que aproveitavam as atividades oferecidas, a oportunidade através da biblioteca de ter boas condições socioeducativas e puderam usufruir dos equipamentos instalados na localidade (FERNÁNDEZ- VILLAVICENCIO, 2010 *apud* SILVA, 2016).

Silva (2016) ressalta que a função das bibliotecas parques do Rio de Janeiro vai além de outras bibliotecas públicas, mesmo que possuam missões parecidas, mas, o que diferencia uma da outra é que elas oferecem:

“[...] ações culturais e para o desenvolvimento social, agregando às suas práticas o acesso a informações de utilidade pública que sirvam para solucionar questões da vida cotidiana, promovendo a democratização do acesso à informação.” (SILVA, 2016, p.34).

Isso é, as bibliotecas parques oferecem inovações e oportunidades para o público que frequenta a biblioteca. Até porque as *parques* do Rio de Janeiro oferecem ambientes para estudo, pesquisas, e outras variedades como, assistir vídeos, ouvir músicas, acessar a internet e entre outras coisas (RIO DE JANEIRO, 2015 *apud* SILVA, 2016).

Targino (2014) frisa que “as bibliotecas parque do Rio são caracterizadas como espaços que oferecem multiplicidade de artes, cultura, além de contarem com uma arquitetura super moderna”. Ele também menciona que:

Durante a reinauguração da Biblioteca Parque do Estado do Rio de Janeiro, a superintendente da Leitura e do Conhecimento da Secretaria de Cultura do estado do Rio, Vera Saboya, afirmou à Revista Biblio que “as bibliotecas parque representam uma mudança no próprio conceito de biblioteca, onde não se tem acesso somente à leitura e pesquisa, mas também as artes, experiências estéticas, ao cinema, a fotografia, a música”. (TARGINO, p. [1], 2014).

Atualmente o estado do Rio possui quatro bibliotecas parques, sendo três localizadas no município, e uma em Niterói, e são elas: a Biblioteca Parque de Manguinhos, a Biblioteca Parque da Rocinha a Biblioteca Parque Estadual, localizada no Centro do Rio e a “Biblioteca Parque de Niterói”.

1) Biblioteca Parque de Manguinhos

A Biblioteca Parque de Manguinhos (BPM) fica localizada em Manguinhos, que é um bairro da zona norte do estado do Rio de Janeiro, que atende uma população com cerca de 100 mil habitantes, distribuída pelas 16 comunidades do complexo (SILVA, 2016). Segundo

Targino (2014) ela foi o primeiro modelo de biblioteca parque do país, sendo inaugurada em abril de 2010, Silva (2017) também destaca que essa abertura ocorreu com o auxílio do Governo Federal e de convênios com algumas empresas privadas. Ela tem “a missão de contribuir com o conhecimento, a cultura, a informação, a formação humanística e o lazer” (BIBLIOTECA PARQUE DE MANGUINHOS, 2010b *apud* SILVA, 2016, p. 37).

Os profissionais que compõem a equipe da Biblioteca Parque de Manguinhos são compostas por produtores culturais, administradores, auxiliares de biblioteca e bibliotecário, sendo que 75% da equipe são moradores das redondezas. Silva (2016) ressalta que essas escolhas são critérios “ levado em consideração para a seleção, o que demonstra que a administração pensa nos impactos que podem ser ocasionados naquela comunidade, gerando oportunidade de trabalho para a comunidade local”.

Antes da BPM ser uma biblioteca ela era um antigo depósito de suprimentos do exército, e hoje ela é um espaço físico que:

“[...] abrange 2,3 mil metros quadrados, que estão compostos em salão de leitura, salas para estudos e reuniões, salas multimídias, estúdio de gravação, sala de informática com cerca de 40 computadores, midiateca, brinquedoteca, cineteatro com capacidade para 200 pessoas e cafeteria. Seu acervo é variado e conta com mais de 27 mil títulos de livros, livros em formato eletrônico, arquivos musicais em formato digital, 700 filmes em DVD's, também disponibiliza acesso livre a internet e ludoteca (SILVA, 2017, p.15).

Após a sua criação a BPM realizou inúmeros eventos, sendo eles “Imagens de Axé”, curso “Rio, Cultura, Juventude”, “Reforço escolar” para as crianças que possuem dificuldades e residem na comunidade e em lugares próximos a ela, “Apoio Básico em Informática” cursos de língua estrangeira e entre outros projetos e suportes para a comunidade e seus usuários (SILVA, 2016).

Depois da inauguração da Biblioteca Parque de Manguinhos, no ano seguinte foi inaugurada a Biblioteca Parque de Niterói.

2) Biblioteca Pública de Niterói

Em julho de 2011 foi inaugurado o segundo modelo de bibliotecas parques, a “Biblioteca Parque de Niterói” (BPN), apesar de fazer parte das redes de bibliotecas das BP, ela não adotou a denominação de Biblioteca Parque (SILVA, 2016). Ela é localizada “em um prédio histórico tombado como patrimônio cultural do Estado, conhecido por ser um marco arquitetônico da região” os responsáveis por esse tombamento foi o Instituto Estadual do

Patrimônio Cultural (Inepac)³, além disso, esse prédio “precisou ser restaurado e ampliado, ocupando uma área de 1.812 metros quadrados e dividida em dois andares” (SILVA, 2017). Ela possui uma área de 1.812 m² distribuídos em dois andares, e o seu prédio foi um marco da arquitetura do século XX, Silva (2016) cita que ele “formava um centro cívico em conjunto com o Fórum, o Liceu Nilo Peçanha, a delegacia de Polícia Civil e a Câmara Municipal, bem em meio ao centro da cidade”.

Assim como a BPM, a biblioteca de Niterói oferece espaço livre de acesso a informação para todos e acesso a internet para os seus usuários e visitantes do local. Silva (2017) diz que ela:

“[...] conta com um excelente espaço físico que favorece a acessibilidade à informação e o desenvolvimento das ações culturais, contando com um acervo com cerca de 60 mil itens, que inclui livros, jornais, revistas, enciclopédias, biografias, CD’s, DVD’s e um rico acervo em braile. A BNP tem uma importância histórica para o Estado, é também a sede da Academia Fluminense de Letras, o que a torna um importante espaço cultural para a cidade” (SILVA, 2017, p. 16).

Silva (2016) discorre que a Biblioteca Pública de Niterói desenvolveu um projeto chamado “Ciclista Aprendiz” do qual tinha o objetivo de chamar a atenção da população na rua a respeito da leitura, nesse projeto, eles convidavam essas pessoas para experimentar o prazer da leitura, indo a diferentes lugares usando a bicicleta como meio de transporte. Além desse projeto, tiveram outros importantes para a comunidade.

Depois da inauguração das BPM e BPN, no ano seguinte veio a Biblioteca Parque da Rocinha.

3) Biblioteca Parque da Rocinha

A Biblioteca Parque da Rocinha (BPR) foi a terceira biblioteca parque da rede a ser aberta. Ela foi inaugurada em junho de 2012. Silva (2016) diz que ao contrário das outras duas bibliotecas, a BPR formou uma coleção específica para a sua comunidade. O seu espaço físico é de 1,6 mil metros quadrados, com cinco pavimentos e tem um acervo de cerca de 15 mil livros, dois mil DVDs, 48 computadores e 12 notebooks (RIO DE JANEIRO, 2015 *apud* SILVA, 2016).

Os serviços convencionais de biblioteca também são desenvolvidos na Rocinha: empréstimo domiciliar, acesso livre às estantes, Internet livre e atividades para o público infanto-juvenil. Seguindo as tendências das bibliotecas parque, possui CDteca e DVDteca, cozinha escola, estúdios, cineteatro, Jardim de Leitura e sala multiuso prevendo os encontros comunitários (SILVA, 2016, p. 39).

³ Criado em 1975 o INEPAC, Instituto Estadual do Patrimônio Cultural se dedica a preservação do patrimônio cultural do Estado do Rio de Janeiro, onde ele fiscaliza, estuda e vistoria obras e bens tombados.

Além da Biblioteca Parque da Rocinha ser um espaço de leitura e estudo, ela oferece muitos eventos como, “Rocinha de Peito Aberto”, a autora conta que ele é “uma ação programada pelas Unidades de Atenção Primária em Saúde foi realizada em outubro de 2015, direcionada a mulheres de todas as idades”. Além dele, teve o “ I Congresso de Turismo Comunitário na Rocinha”, “Fórum de Turismo da Rocinha e a Biblioteca Parque da Rocinha” e entre outros eventos e projetos direcionados à comunidade da Rocinha.

Após uma longa reforma, em 2015 foi inaugurada a Biblioteca Parque Estadual, localizada no Centro do Rio de Janeiro.

4) Biblioteca Parque Estadual

A Biblioteca Parque Estadual (BPE) foi inaugurada em 1873 por Dom Pedro II, ela é uma instituição cultural de grande importância para o país e seu nome carrega um longo trajeto histórico. Silva (2016) cita que na época de sua criação, ela se chamava Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro. Já em 1891 o seu nome foi mudado para Biblioteca Municipal do Distrito Federal. A autora também diz que:

Após a construção de Brasília, em 1960, passou a denominar-se Biblioteca Estadual da Guanabara, até 1975 com a fusão do Rio de Janeiro com o Estado da Guanabara, quando passou a se chamar Biblioteca Estadual do Rio de Janeiro. De 1980 a 1987 adotou a denominação de Biblioteca Estadual Celso Kelly. A partir da inauguração de seu novo prédio em 1987 recebeu o nome de Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro, e em 1990 voltou a ser chamada Biblioteca Estadual Celso Kelly, concomitantemente à denominação de 1987, que se manteve (RIO DE JANEIRO, 2015 *apud* SILVA, 2016, p. 40).

A biblioteca se localiza no mesmo endereço desde 1943, porém, parte do seu acervo e do edifício onde ela se encontrava ficaram debilitados por conta do incêndio que aconteceu em janeiro de 1984, que acabou passando por uma reforma, do qual se concluiu em março de 1987. (SILVA, 2016).

No ano de 2008, Silva (2016) relembra que a biblioteca passou pelo processo de reforma para se caracterizar e entrar para o grupo das bibliotecas parques. A BPE foi reformada de maneira modernizada, e sua obra durou cerca de quatro anos, sendo reinaugurada em março de 2014 e reaberta para o público em abril do mesmo ano.

A Biblioteca Parque Estadual seguiu os mesmos padrões dos outros modelos parques, como as Bibliotecas Parque de Manguinhos, Rocinha e Niterói. Assim, notamos que:

Revitalizada, a nova Biblioteca Parque Estadual se lança como polo de atividades culturais, informação e lazer, sem criar limites para acesso, sejam eles de idade, de domicílio, instrução ou quaisquer outros. A erudição, característica presente nas bibliotecas públicas da antiguidade, passa a se integrar a um ambiente onde ações de

convivência entre as pessoas são um forte determinante para a sustentação desta iniciativa (SILVA, 2016, p. 40).

Segundo a Secretaria de Estado e Cultura do Rio de Janeiro (2017) ela contém um acervo literário com mais de 250 mil itens, livros de arte, quadrinhos, 20 mil filmes, três milhões de músicas digitalizadas, biblioteca infantil, teatro com 240 lugares, auditório com 90 lugares, estúdios de som e de vídeo, salas multiuso para laboratórios, área de exposição, café literário com palco para shows e saraus, restaurante, pátio, bicicletário e jardim suspenso. O Guia Cultural (201?) aborda que o seu espaço tem cerca de 15 metros quadrados e conta com uma:

Biblioteca Infantil, o Café Literário, o Auditório Darcy Ribeiro, o Teatro Alcione Araújo, o estúdio de gravação, a Guanabarina (coleção de 30 mil livros sobre a história do Rio de Janeiro), a sessão de quadrinhos, a de periódicos, o Espaço Expositivo, além dos espaços Multimídia, Mundo, Ócio, Atualidades e o de Leitores Especiais (GUIA CULTURAL HISTÓRICO DO RIO DE JANEIRO, 201?, p. [1]).

Além disso, a BPE pensou em um espaço acessível para pessoas com deficiência, tendo livros em braille, audiolivros, piso tátil, cabines individuais, e equipamentos de acessibilidade como: folheador automático de páginas, conversor de livros impressos em áudio e máquina fusora tátil (GUIA CULTURAL HISTÓRICO DO RIO DE JANEIRO, 201?). A autora Silva (2016) revela que pensando na sustentabilidade e tendo uma missão ambiental, a edificação da BPE recebeu a Certificação Leadership in Energy and Environmental Design ou Liderança em Energia e Projeto Ambiental (LEED®) Ouro, um selo ambiental, do qual se preocupa com a sustentabilidade, este projeto:

[...] aproveita ao máximo a luz natural, possui ecotelhado (gramado para o fechamento superior das lajes e coberturas), sistema de geração de energia fotovoltaica, vidros das janelas os quais reduzem o calor, piso de madeira certificada, fôrmica do mobiliário feita de garrafas PET, água armazenada para reutilização em alguns setores e outros componentes ecológicos. Atividades educativas de conscientização e práticas ambientais são realizadas, e a meta é ser um centro de referência nesta área (GUIA CULTURAL HISTÓRICO DO RIO DE JANEIRO, 201?, p. [1]).

Como as BP, a Biblioteca Parque Estadual também organizou projetos e atividades com o propósito de atrair público, e incentivar a população a cultura e a leitura. Nela, acontecem exposições, espetáculos, oficinas, clubes de leitura e entre outras coisas (SILVA, 2016).

Segundo Lisboa (2016), no ano de 2016, após uma grave crise econômica, a Biblioteca Parque Estadual precisou fechar as suas portas, além dela, as Bibliotecas Parque de Manguinhos e Rocinha também tiveram que fechar, mantendo apenas a biblioteca de Niterói, e com isso, mais de 150 funcionários receberam o seu aviso prévio.

Em maio de 2018 a BPE foi reaberta mais uma vez, e no ano seguinte, a Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa (SECEC) do Rio de Janeiro, iniciou a sua ocupação no segundo andar da Biblioteca Parque Estadual. (FELICIANO, 2019). Atualmente, a Biblioteca Parque Estadual vem funcionando de segunda a sexta- feira, de 10h às 18h na Avenida Presidente Vargas, localizada no Centro do Rio de Janeiro. E recebe usuários e visitantes de todos os lugares.

8 METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de ser uma pesquisa de caráter exploratório, pois o assunto apresentado é pouco explorado e não possui muitas bibliografias que abordam esta temática de forma específica. Segundo Gil (2008) temas que não são muitos explorados acabam tornando difícil de criar hipóteses precisas e operacionalizáveis. Além disso, ele também destaca que esse tipo de pesquisa envolve “[...] entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado” (SELLTIZ *et al.*, 1967 *apud* GIL, 2002, p. 41).

O trabalho é de abordagem qualitativa e quantitativa, e a técnica utilizada para obter os dados coletados será através de entrevistas com leitores de uma biblioteca pública.

8.1 Campo de Pesquisa

Para a elaboração desta pesquisa, utiliza-se uma pesquisa de campo, pois para Gil (2008, p. 57) neste tipo de trabalho “estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes”. Desta forma, serão usadas técnicas de observação. O autor também diz:

[...] o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias (GIL, 2002, p.53).

Pensando nisso, o estudo de campo desta pesquisa focaliza em entrevistar usuários da Biblioteca Parque Estadual que buscam livros de literatura infanto-juvenil que foram adaptados para o cinema, com o intuito de entender se o interesse por esses livros o incentivaram de alguma forma em construir um gosto pela leitura.

8.2 Técnicas de coleta e análise de dados

Para coletar e analisar os dados, a técnica utilizada nesta pesquisa foi a de entrevista, para recolher informações e saber se as adaptações cinematográficas dos livros infanto-juvenil são capazes de incentivar e atrair novos leitores.

Gil (2008, p. 109) caracteriza a entrevista como “[...] uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.”

A entrevista é estruturada e feita por pautas, onde o entrevistador faz poucas perguntas diretas e o entrevistado responde livremente à medida em que são apresentadas essas pautas (GIL, 2008). O autor também cita que quando as respostas se afastam da entrevista, o autor poderá intervir de forma sutil para preservar a espontaneidade do processo.

8.3 População e amostra

A população desta pesquisa são os usuários que frequentam e possuem registros no sistema Alexandria da Biblioteca Parque Estadual. Gil (2002, p. 150) aponta que: “A descoberta do universo vivido pela população implica compreender, numa perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem”. Assim o pesquisador deverá usar de preferência a sua escuta e a técnica qualitativa de coleta de dados.

Para a amostra, foram selecionados usuários da Biblioteca Parque Estadual que pegaram algum livro do gênero infanto-juvenil que foi adaptado para o cinema.

8.3.1 Critério de inclusão

Para fazer a seleção dos participantes da entrevista, a autora teve a contribuição do bibliotecário para selecionar os usuários que são leitores que frequentam a Biblioteca Parque Estadual, e fizeram um empréstimo dos livros do gênero literário infanto-juvenil que tem adaptação cinematográfica.

8.3.2 Critério de exclusão

No critério de exclusão, foi decidido que a entrevista não seria feita com usuários que não fizeram empréstimo de livros de infanto-juvenis.

9 CARACTERÍSTICAS DOS SUJEITOS

A amostra deste trabalho foi constituída por quatro usuários da Biblioteca Parque Estadual que possuem registro no sistema de empréstimo da biblioteca, e a partir das entrevistas daremos início a apresentação dos leitores através de seus perfis socioeconômicos. Com o objetivo de não expor as identidades dos entrevistados que aceitaram participar da entrevista, os usuários serão nomeados como E1, E2, E3, E4 conforme a ordem que ocorreu a coleta de dados.

Na apresentação dos usuários da biblioteca foram feitas algumas perguntas socioeconômicas que foram retiradas do Eixo 1 para conhecer um pouco dos entrevistados.

Tabela 1 – Mapeamento socioeconômico dos usuários entrevistados

Código	Idade	Gênero	Raça/etnia	Local/moradia	Renda
E ¹	24	Feminino	Branca	Jacarepaguá	1 salário mínimo
E ²	24	Feminino	Branca/parda	Quintino	3 salários mínimos
E ³	22	Feminino	Branca	Cachambi	1 salário mínimo
E ⁴	25	Masculino	Indígena	Botafogo	1 salário mínimo

Fonte: Dados colhidos através das entrevista.

A partir do quadro acima, nota-se que os entrevistados variam entre 22 à 25 anos, sendo o E³ o mais novo, com 22 anos e o E⁴ o mais velho, com 25 anos, ou seja, a idade predominante se encontra na faixa etária dos 20 anos. Além disso, os entrevistados têm uma forte predominância do gênero feminino, pois apenas o E⁴ se auto identifica com o gênero masculino.

Ao serem perguntados sobre a raça/etnia, dois deles, o E¹ e o E³ se autodeclararam brancas, e o E² possuiu dúvidas ao se auto-declarar, dizendo ser branca/parda e o E⁴ se declarou como indígena. Sobre o local de moradia, três deles moram em zonas distintas do Rio de Janeiro, o E² e o E³ residem na zona norte do Rio de Janeiro, sendo um em Quintino e outro no Cachambi, o E¹ mora em Jacarepaguá, zona oeste do RJ e o E⁴ em Botafogo, zona sul da cidade do Rio.

Na última pergunta do eixo 1 foi perguntado sobre a renda per capita familiar, três dos entrevistados, o E¹, o E³ e o E⁴ responderam ter uma renda familiar de um salário mínimo e apenas o E² disse ter uma renda familiar de três salários mínimos.

9.1 Entrevistas com os usuários

Os dados coletados a partir das entrevistas foram lidos e analisados categoricamente por meio dos eixos dois, três e quatro da entrevista. Esses eixos foram divididos de forma que pudéssemos analisar, identificar e responder os objetivos e o problema desta pesquisa.

Pensando nisso, os eixos foram divididos com base nos tópicos de leitura, cinema e Bibliotecas Parques Estadual do referencial teórico, sendo eles distribuídos em: eixo 2 para saber da “Relação com a Biblioteca Parque Estadual” do usuário, o eixo 3 de “Cinema” com o intuito de recolher informações sobre o gosto por filmes e adaptações cinematográficas e finalizando com o eixo 4 com o tema de “Leitura” buscando a entender o seu primeiro contato com os livros e a sua relação atual com a leitura.

A partir das entrevistas, nos tópicos abaixo utilizará as respostas mais marcantes para a autora a fim responder o problema imposto nesta pesquisa.

9.1.1 Relação com a Biblioteca Parque Estadual

Seguindo a ordem das perguntas, no eixo 2 foram feitas três perguntas com o intuito de conhecer a relação dos usuários com a Biblioteca Parque Estadual, iniciando as perguntas deste eixo da seguinte maneira: "1) Quando você conheceu a Biblioteca Parque?", e a partir dela foi possível saber o período em que os entrevistados conheceram a biblioteca.

Com o intuito de saber quando os usuários conheceram a biblioteca, foram selecionadas as respostas mais relevantes para sabermos o início desta relação entre o usuário e biblioteca, começando com a entrevistada E², que foi a primeira a conhecer e frequentar a Biblioteca Parque Estadual, a usuária disse que descobriu a instituição no ano de 2016 através das redes sociais, mas por conta dos compromissos com a universidade e do fechamento da biblioteca que aconteceu no mesmo ano em que a conheceu, ela se afastou da BPE, e só voltou a frequentá-la em 2022, relatando da seguinte maneira:

Eu acho que foi em 2016, eu descobri pelas redes sociais a biblioteca, e aí eu comecei a frequentar em 2016, por um período e aí depois ela acabou fechando, depois por causa da faculdade eu não conseguia ler né, e aí eu fiquei um tempo sem vir e aí eu voltei a usa..., utilizar agora, em do meio ano para cá. (E²)

Três anos depois, após a entrevistada E² conhecer a Biblioteca Parque Estadual, a entrevistada E¹ conta que conheceu a BPE no ano de 2019 através de um dos eventos que ocorreu no local, o “Ler” que se intitula como um dos maiores festivais abertos de cultura. Este evento é um encontro sobre livros e diferentes ideais que acolhe e estimula o leitor, neste projeto, reúnem autores (de todas as vozes), livrarias e editoras, tendo peças, exposições, tecnologia, música e muito mais para os leitores aproveitarem o festival (LER, 2019). Além disso, a entrevistada complementa que chegou a se inscrever, mas por motivos pessoais ela não pode dar continuidade à sua participação, e só começou a frequentar a biblioteca de fato no ano de 2020, narrando pela usária na citação abaixo:

Eu conheci a Biblioteca Parque em 2019, quando teve um evento da “Ler” né, aqui. Eu cheguei a me inscrever pra participar, por alguns problemas de horário acabei não vindo, mas foi onde eu descobri a existência dela e... passei a ter vontade de frequentar, mas demorei um pouco pra ter oportunidade né, porquê entrou pandemia e aí no pós pandemia eu comecei a frequentar de fato. (barulho de pessoas conversando ao fundo). (E¹)

Já os entrevistados E³ e o E⁴ disseram conhecer pessoalmente a Biblioteca Parque Estadual no ano de 2020. A usuária E³ conta que passou a frequentar a biblioteca por ter sido estagiária no local, dizendo: “*Eu conheci a Biblioteca Parque de fato no ano de 2020, logo depois da quarentena, que ocorreu durante a pandemia e eu conheci a biblioteca porque eu fui uma estagiária lá*” (E³). E o entrevistado E⁴ disse que ouviu falar das Bibliotecas Parques no ano de 2012, e assim como a E³ só teve o seu primeiro contato em 2020.

Com as seguintes respostas referente à primeira pergunta do eixo 1, percebe-se que todos os entrevistados passaram a frequentar a Biblioteca Parque Estadual com mais frequência durante e após o ano de 2020, como relataram os entrevistados E¹, E³ e o E⁴ que visitou a BPE em 2020. Já no caso da entrevistada E² nota-se através de sua resposta que os compromissos com a faculdade e o fechamento da biblioteca em 2016 foram um dos principais motivos que o motivou a parar de frequentar a biblioteca, mas que com o fim da graduação que tomava parte do seu tempo, ela voltou a frequentá-la em meados de 2022. Além disso, é importante relembrar que no ano de 2016 a Biblioteca Parque Estadual fechou as suas portas por problemas financeiros e falta de verba, e que apesar de ter sido um dos problemas para a entrevistada E², pode-se dizer que este fato pode ter influenciado outros usuários a terem parado de frequentar a Biblioteca Parque Estadual.

Ainda no eixo 2, através da segunda pergunta, a entrevistadora quis saber a frequência que os usuários visitam a Biblioteca Parque Estadual e se eles moram perto do local, fazendo as seguintes perguntas: “2) Com que frequência você vai à Biblioteca Parque ?” e “3) Você mora perto da Biblioteca Parque ?”

Na pergunta dois, os entrevistados E¹ e E⁴ disseram frequentar a Biblioteca Parque Estadual com mais frequência. A entrevistada E¹ diz frequentar a biblioteca toda semana e o E⁴ diz estar na BPE todos os dias por ter uma relação direta com a instituição, respondendo que *“Hoje é diária, já que eu trabalho lá.”* (E⁴)

Ao contrário dos dois entrevistados, a usuária E² diz não ter uma frequência específica, e que visita a biblioteca quando está pelo Centro ou quando decide pegar algum livro específico que ela pretende ler.

Não tenho uma frequência específica assim, eu venho quando algum livro que eu tenho interesse eu procuro no catálogo e vejo que ele tá disponível, costuma ter uma lista de leitura, e aí de tempos em tempos eu pesquiso para ver se esse livro tem na biblioteca ou não, e aí quando ele tem eu sempre fico de olho para ver se ele está disponível, se eu tenho tempo para ler e aí eu aproveito, e venho ou venho especificamente ou aproveito que vou fazer alguma coisa pelo Centro ou em algum outro lugar, que eu tenho que passar pelo Centro para eu poder retirar o livro.(E²).

Já entrevistada E³ disse que em seu período de estágio a frequência era diária, mas que atualmente visita a biblioteca uma vez por mês, relatando que: *“Atualmente não muito, mas, durante esse processo do estágio eu estava lá de segunda à sexta, mas atualmente, em torno de uma vez por mês”*(E³). Na terceira pergunta os usuários E¹, E² e E³ disseram que moram distantes da biblioteca e que fazem um percurso em torno de 1h para chegar até o local, e o entrevistado E⁴ disse que ao pegar o metrô em Botafogo e descer na Av. Presidente Vargas isso facilita o seu trajeto e a sua chegada à biblioteca.

Diante das respostas das duas perguntas feitas no eixo 2, observa-se que a distância de moradia apresentada na tabela 1 do mapeamento socioeconômico dificulta a ida frequente à biblioteca dos usuários que moram mais distante do local, e que o fato de estar pelo Centro, ou trabalhando pela região facilita o acesso ao local. Além desses fatores, nota-se através da resposta da E² que o acesso ao catálogo online da biblioteca é uma das razões que motiva a usuária a ir até o local para buscar algum livro específico.

9.1. 2 Ligação entre a literatura e cinema a partir da visão dos usuários

Com o objetivo de saber se os usuários gostam de filmes e o que pensam sobre as adaptações cinematográficas, no eixo 3 sobre cinema, foram selecionadas as respostas que mais chamaram a atenção da entrevistadora, começando com a primeira pergunta *“1) Você gosta de assistir a filmes?”*

A partir desta pergunta, as entrevistadas E¹ e E² disseram gostar de filmes e séries. A E¹ contou que gosta de ver filmes e séries, já a E² revelou a sua preferência, dizendo: “*Prefiro séries, mas eu gosto de assistir filmes também*” (E²).

Por sua vez, a entrevistada E³ definiu os filmes como uma fonte de lazer, informação e divulgação da arte, complementando que através dele as pessoas podem se conectar com a obra, dizendo:

Gosto, eu gosto de assistir filmes porque além de ser uma fonte de lazer também, eu acho que ele é uma forma de informação, e de divulgação de arte que é mais acessível, a pessoa quando ela pode assistir e ver o que ela tá adquirindo ali naquele momento, ela se conecta um pouco mais com a obra, então é um momento de lazer, mas também de às vezes você, se conectar com aquilo que está assistindo. (E³).

O entrevistado E⁴ conta que gosta de assistir filmes desde criança, perguntado pela entrevistadora o motivo do seu gosto, ele disse que o convívio com o pai e o hobby familiar que os dois tinham contribuíram para que o seu gosto por cinema crescesse.

Observando suas perspectivas em relação ao gosto por filmes, é notório observar que as entrevistadas E¹ e E² gostam de filmes, mas também possuem em comum o gosto pelas séries, que vem se destacando cada vez mais entre as pessoas e nas plataformas de streaming. Já a entrevistada E³ caracteriza os filmes como uma fonte de lazer e destaca as obras como uma forma de informação e divulgação da arte. Assim como as outras entrevistadas, o usuário E⁴ também afirmou gostar de filmes, e que o seu gosto por cinema veio desde criança. Com base em sua resposta, pode-se dizer que além dos filmes serem capazes de fazer com que os espectadores sintam-se ligados a obra cinematográfica, eles também podem construir memórias de possíveis vínculos afetivos.

No mesmo eixo, foi feita a seguinte pergunta: “2) Quando você vê filmes, sabe se eles são baseados em livros? Isso faz alguma diferença pra você?”. Esta pergunta foi feita para entender o que os usuários pensam sobre as obras fílmicas que são baseadas em livros.

O participante E⁴ respondeu dizendo que sabe quando os filmes são baseados em livros, pois antes de assistir qualquer obra busca fazer sua pesquisa com antecedência para saber do que o filme se trata, e sobre fazer diferença para ele, o entrevistado diz que faz, porque após assistir o filme sabendo que é uma obra de adaptação literária, ele costuma fazer comparativos entre os dois, para entender mais a fundo os motivos que levaram a fazer o filme, respondendo da seguinte maneira:

Sim, eu, antes de, hoje em dia, antes de eu assistir qualquer filme eu tento, eu pesquiso, antes, sobre do que se trata o filme para eu ver, e por consequência eu acabo descobrindo que ele é baseado em uma obra literária, ou vice versa, ou o livro baseado em um filme, ou desenho animado, uma animação. Faz, porque logo que termina o filme, eu tenho o costume de pegar alguns elementos chaves da obra original, mesmo que eu não tenha consumido, e fazer comparativos, estudar porque... Os idealizadores

alteraram algumas coisas, seja para agradar o mercado, ou o público específico ou por mera visão artística... (E⁴).

Já as entrevistadas E¹, E² e E³ disseram que às vezes sabem que os filmes são baseados em livros e que, assim como o E⁴, isso faz diferença para elas. A E¹ contou que quando sabe da adaptação da obra, ela procura buscar a fundo o motivo da inspiração do filme e faz uma pesquisa pelo livro para ler antes de assistir o filme, dizendo:

Sim, às vezes sim né. Sim.... Por que quando eu sei que é baseado no livro eu pretendo ler o livro, ou antes, ou até mesmo depois de ver o filme, porquê eu gosto de saber... de onde veio a inspiração pra aquele filme, ué detalhes que de repente possa ter ficado de fora, é... como foi pensando aquela cena mais a fundo, por que é muito detalhe, às vezes e acaba fugindo da adaptação, então eu gosto de saber de fato tudo que aconteceu. (E¹)

A entrevistada E³ costuma fazer o mesmo que a entrevistada E¹, ela pesquisa a inspiração por trás da obra cinematográfica, além de buscar entender as ideias que surgiram para desenvolver o filme.

Já a entrevistada E², aborda que assistir filmes de adaptações cinematográficas possuem dois lados, pois quando se é um filme de uma obra que ela já leu, isso a torna mais crítica em relação à adaptação, e, assim como o entrevistado E⁴, ela também busca fazer comparativos entre o livro e o filme, além disso, também explica que por ter o hábito da leitura, possui o costume de ler antes de ver o filme, contando que:

Algumas vezes sim. Faz... Mas acho que tem dois lados da moeda sim, quando é um livro que eu já, eu já li, eu fico um pouco mais crítica da, com a adaptação, porque eu fico esperando que se reproduza de certa forma ou, boa parte do conteúdo do livro ou... que seja, mesmo que não seja tão fiel, que enfim que pegue as características mais marcantes do filme e levem para a adaptação do livro, levem para a adaptação também. E as, acho que poucas vezes a adaptação me levou para ler o livro, assim, porque geralmente é o processo contrário pelo fato de eu já ter o hábito de leitura, é o livro que me faz assistir a adaptação. (E²).

Analisando as respostas da segunda pergunta do eixo 3, observa-se que quando se é um leitor assíduo, assistir filmes que são adaptações de obras literárias torna um espectador mais observador e crítico, pois eles buscam fazer suas pesquisas antes de assistirem ao filme e ler a obra literária para comparar esta com o roteiro adaptado.

Nota-se também que todos os entrevistados possuem respostas similares em relação a diferença que os filmes adaptados fazem para eles. As entrevistadas E¹ e E³ possuem a mesma perspectiva sobre as obras adaptadas, pois as mesmas buscam fazer pesquisas mais detalhadas sobre a história que serviu de inspiração para a adaptação, e, assim como elas, o entrevistado E⁴ diz que atualmente procura pesquisar mais os filmes antes de assisti-los, para poder fazer comparativos e avaliações sobre os motivos que os roteiristas usaram para a construção da

adaptação. E no caso da entrevistada E² que afirmou ter o hábito de leitura, os roteiro cinematográfico são apenas mais um motivo para fazer a entrevistada ler uma obra nova.

Buscando saber mais das obras de adaptação cinematográfica assistidas pelos entrevistados, foi perguntado se: “3) Você já assistiu algum filme por causa da leitura de algum livro ?” e “4) Nesse caso, o que você acha da maioria das adaptações cinematográficas baseadas em livros ?”

Na pergunta três, todos os participantes da entrevista responderam que já assistiram um filme por causa de uma leitura e contaram o que eles acham dessas adaptações. A entrevistada E² mencionou o livro de gênero literário infanto-juvenil, o *Extraordinário* da autora R.J. Palacio, ela conta que gostou da leitura e da adaptação produzida da obra, e que por conta disso está aguardando o filme *Extraordinário 2* e que além dessa ela vem no aguardo da adaptação *Percy Jackson e os Olimpianos*, do Rick Riordan, série que será produzida pela Disney.

Os entrevistados E¹, E³ e E⁴ também mencionaram adaptações de livros literários do gênero infanto-juvenil, os entrevistados E⁴ e E¹ citaram a série de livros do *Percy Jackson*, a E¹ contou que assistiu o filme primeiro, mas para assistir a sequência da primeira adaptação ela decidiu ler o livro antes, e o mesmo aconteceu com *Jogos Vorazes*. Já a E³ mencionou livros como *Orgulho e Preconceito e Persuasão* da autora Jane Austen, e os livros de fantasia como, *Harry Potter*, *Percy Jackson e Instrumentos Mortais*.

Perguntados o que eles achavam sobre a maioria das adaptações, alguns deles contaram que algumas obras adaptadas o incomodavam por não ter semelhanças com a produção literária. A E¹ deu um exemplo de uma adaptação do qual ela não se agradou, e falou mais sobre o assunto, dizendo:

A gente tem um problema muito grande né, que nem sempre essas adaptações são levadas totalmente a sério né, no quesito de manter a... fidelidade na história de fato do livro, mas pelo menos isso nesses últimos anos tem melhorado muito e tem ficado cada dia mais fiel né, a história de fato no filme quanto é do livro (E¹).

Desta forma a entrevistadora fez a seguinte pergunta: “Mas por que você diz isso ? Teve alguma adaptação que você não gostou ?

A adaptação de Percy Jackson pelos menos assim pra filme, não é uma adaptação que me agrada, por que eu acho que foge muito da essência de fato dos livros né, ele, mudaram muitos detalhes que eu acho que são cruciais né, pra história (E¹).

A entrevistada E² contou que faz um tempo que não assiste adaptações, mas que para ela, algumas adaptações deixam a desejar por conta das modificações feitas pela adaptação. E

que apesar disso, para aqueles que não têm o costume de ler, essas adaptações podem aproximar o público da obra literária, contando:

Eu acho que, que a maioria, tem, tem um tempinho que eu não assisto a adaptações, mas eu acho que, é... vou botar aqui, que boa parte consegue ser fiel, de na medida do possível ao livro e construir uma história que represente o livro num todo, e algumas adaptações deixam um pouco a desejar porque elas modificam muito o conteúdo do livro, e aí, eu acabo não vendo como uma adaptação exatamente né, é como se pegasse um outro elemento da história e criasse uma outra história totalmente original. Mas eu acho que, pra, para um público né, que não tem muito contato com a leitura, as adaptações são uma forma de trazer né, essa pessoa para o mundo da leitura né, de ela se, ela não tem conhecimento do livro, aí ela assiste a adaptação que pode ser de um filme ou uma série, aí ela gosta tanto que ela se interessa pelo livro. Ela pensa assim “eu vou pegar um livro disso aqui para ver como é”, e com isso ela parte a ter um gosto pela leitura né (E²).

Assim como ela, a usuária E³ concorda que as adaptações aproximam as pessoas da leitura, ela também diz que no geral as adaptações cinematográficas o agrada, ainda que ocorra alguns cortes de cena, já que um livro completo não caberia no filme.

Através das perguntas observamos que todos os usuários assistiram um filme por conta da leitura de algum livro, e todos os entrevistados citaram livros de fantasia do gênero literário infanto-juvenil. Além disso, na quarta resposta do eixo 3, a usuária E³ percebe-se que quando Brito (2006) aborda as diferenças quantitativas entre o filme e o livro, é que o filme só pode passar no momento presente, enquanto o livro narra a história de forma mais específica e detalhada, podendo narrar um momento de alguns minutos ou segundos em longas páginas. No entanto, existem outras técnicas de cinema que são possíveis manipular o tempo com a imagem. E, assim, a usuária E³ nota esse aspecto quando diz “[...] ainda que aconteçam muitos cortes de cena, porque o conteúdo literário costuma ser um pouco mais extenso e não cabe no tempo de tela [...]” tendo a compreensão que isso pode acontecer nos filmes.

Já as usuárias E¹ e E³ notam que o motivo de se frustrar com as adaptações de filmes de livros que elas já leram vem da expectativa que a maioria dos leitores assíduos têm em relação ao roteiro adaptado de um livro. Na fala da E², ela diz que “algumas adaptações deixam um pouco a desejar porque elas modificam muito o conteúdo do livro, e aí, eu acabo não vendo como uma adaptação exatamente né, é como se pegasse um outro elemento da história e criasse uma outra história totalmente original” analisando o que ela diz, a fala sobre as modificações do filme fazem parte de uma adaptação, pois ao contrário do que se pensa, a adaptação pode modificar o roteiro original. A autora Linda Hutcheon (2013) define a palavra “adaptar” como algo que pode alterar, ajudar e adequar ao que vai ser trabalho. Mas ainda assim, entende-se a expectativa que o fã da obra tem sobre a adaptação cinematográfica, como o exemplo dado pela entrevistada E¹, do filme *Percy Jackson*, que antes de ler achou interessante, mas que depois

de ler não o agradou muito, e em contrapartida, a usuária E² gostou da leitura e da adaptação da obra *Extraordinário*, filme elogiado pela usuária.

9. 1. 3 A leitura e o leitor

Nesta seção os usuários da Biblioteca Parque Estadual descrevem a relação que eles têm com a leitura através das perguntas do eixo 4: “ 1) Você gosta de ler ?” e prosseguiu com “2) Com quantos anos você começou a se interessar pela leitura ?”

Os quatro entrevistados confirmaram que gostam de ler e que começaram a se interessar pela leitura ainda na infância. A primeira entrevistada, a E¹ nos contou das possibilidades que a leitura é capaz de lhe proporcionar, dizendo:

Eu gosto de ler porque eu acho que a leitura é um forte pilar do conhecimento, você aprende muita coisa, mesmo que não seja, ou seja, de ficção, e a leitura te transporta para lugares que às vezes você tem vontade de visitar e não conhece. Têm lugares que você tem vontade de conhecer, ela te dar liberdade em crescimento pessoal e intelectual muito grande, e isso eu acho muito gratificante na leitura (E¹).

Assim como ela, a entrevistada E³ elogiou o estímulo que a leitura traz para si, seja ela uma história de ficção ou não, além disso, ela expressou os seus sentimentos em relação ao o que sente quando lê, como aponta na sua fala abaixo:

Gosto, eu gosto de ler por que... É um momento que... Eu posso viver um pouco uma outra história, mas ao mesmo tempo me conectar com alguma fonte ali que me leva a estimular a minha criatividade, o fato de me conhecer mais, e descobrir algo que eu gosto, isso já, em algumas leituras no caso, de ficção e quando é na leitura geral, eu acho que o ato de você estimular a mente é algo que eu gosto muito, então... (latidos de cachorro ao fundo). Essas são as razões que me fazem gostar de ler. (E³)

Como ela, o entrevistado E⁴ também expressou o porque gosta de ler, dizendo que a leitura é como uma fuga capaz de lhe tirar da realidade. Como podemos ver abaixo:

Sim, sim

Entrevistadora: *Por que ?*

Humm, é uma coisa que foi passado pra mim, a muito tempo atrás quando eu estava aprendendo a ler, é uma form... é quase como se fosse uma fuga né, dessa realidade que a gente vive, já tive comigo desde pequeno, desde criança. A leitura pra mim, a contação de história no geral é uma forma de te desligar da realidade, é uma coisa muito pessoal minha, eu não sei se é assim pra todo mundo, ai eu gosto muito de ler, de consumir também outros produtos audiovisuais porque, como eu já falei, é uma fuga né, a gente, tipo, o público consegue se desligar né, desses problemas do dia a dia. (E⁴)

E a entrevistada E² disse que apesar de gostar de ler, houveram momentos em que a leitura foi algo próximo do seu cotidiano e outros em que ela ficou mais distante.

Na segunda pergunta do eixo 4 sobre leitura, todos os participantes da entrevista disseram ter começado a se interessar pela leitura ainda na infância.

O entrevistado E⁴ relata que começou a se interessar pela leitura quando tinha seis anos de idade, e perguntado pela autora quem o incentivou, ele disse foi a sua mãe. Assim como ele, a entrevistada E³ começou a ler na sua infância em torno dos sete ou oito anos e também teve um estímulo familiar, suas irmãs mais velhas, pois segundo a entrevistada, ela passou a ler o que as irmãs liam.

A entrevistada E² alegou não lembrar de uma idade específica, mas que passou a ter interesse por volta dos cinco a seis anos de idade, pois seus pais sempre tiveram o hábito de comprar livros infantis, além disso, a entrevistada complementou que apesar de não conhecer a Biblioteca Parque Estadual, ela tinha o hábito de frequentar salas de leitura e bibliotecas públicas, como a do SESC de Madureira, pois era um espaço próximo a sua casa, como podemos ver no seu depoimento abaixo:

Eu não tenho certeza assim, de idade. Quando eu era pequena, sei lá, uns 5, 6 anos, meus pais, eles tinham o hábito de comprar livros infantis, assim, pra ler comigo, então, pra eu ler... e vendo as imagens né, porque, com 5 e 6 anos eu não sabia ler direito, e aí, tinha essa relação de na escola e na sala de leitura pegar um livro e levar para casa, e aí eu acho que como, como criança ainda né, teve muito desses momentos de “ah quero muito o livro” e de ter pausas e ficar sem usar e tudo mais... E aí quando eu era adolescente né também tinham esses momentos de ir sempre, é ir na sala de leitura da escola, ou então de ir em bibliotecas públicas, quando eu era adoles, adolescente assim, eu não conhecia essa biblioteca em específico, então eu usava muito a biblioteca do SESC em Madureira que era próximo a minha casa, e aí depois quando eu entrei na faculdade em 2016, era o meu trajeto passar por aqui, e então eu passei a frequentar a biblioteca por um tempo, só que depois... enfim, a faculdade não me permitiu ler muito e aí depois que eu terminei a graduação, eu voltei a ler com mais frequência assim, com mais liberdade (barulho de sirene) (E²).

Da mesma forma em que a entrevistada E² foi incentivada por bibliotecas públicas ou salas de leitura, a usuária E¹ manifestou se interessar pela leitura por volta dos seus dez ou onze anos de idade, pois passava o seu tempo na biblioteca da escola, o que a fez gostar do espaço e da leitura.

Refletindo as respostas acima, notamos que para cada um deles a leitura tem a sua importância, assim como disse o entrevistado E⁴ que usa a leitura como um meio de conforto, que lhe proporciona fugir da realidade. Podemos dizer que ele busca se relacionar com o tipo de leitura citada por Martins (1994), que são a leitura sensorial e emocional, que se encaixam na forma em que a entrevistada relata a leitura para si, uma vez que a sensorial tem muito a ver com o gostar de ler o que lhe traz conforto e o que deseja. Já a emocional se dá na forma de expressar os sentimentos que nem mesmo o leitor sabia que existia.

Assim como ele, as entrevistadas E¹, E², E³ também se encaixam nestes dois tipos de leitura, pois todos os entrevistados expressaram de forma positiva e reconfortante as sensações que a leitura é capaz de proporcionar-las. Outro fato a se pensar foi na fala da entrevistada E²

que relatou o distanciamento com a leitura durante os anos de graduação, entretanto, esse afastamento só foi em relação aos livros escolhidos por ela, mas que apesar disso a leitura racional esteve presente neste momento, pois é ela que busca reflexão e questionamentos, e acredita-se que foi o que aconteceu com a entrevistada.

Para finalizar a análise dessas respostas, é importante observar a importância das bibliotecas públicas próximas de casa e das salas de leitura das escolares. Como vimos, as entrevistadas E¹ e E² relataram que passaram a buscar livros a partir do momento em que passaram a frequentar esses ambientes próximos.

As perguntas “3) O que te atrai na leitura ?” e “4) Qual o gênero literário que você mais gosta de ler? E por que ?” do eixo 4, foram feitas para se aprofundar ainda mais nas preferências literárias dos usuários da BPE.

A entrevistada E¹ e E² disseram respostas similar sobre o que atrai na leitura, a E¹ disse: *Acho que as viagens né, que a gente faz em cada história, por que cada livro que a gente lê a gente tá entrando num universo diferente, é... saindo um pouco da nossa realidade né, e conseguindo conhecer...entrar nesses novos lugares. (E¹) e a E² fala das possibilidades que a leitura é capaz de proporcionar, pois através dela é possível conhecer lugares novos e se desconectar da realidade.*

Já o entrevistado E⁴ elogiou a forma que o autor cria para fazer o leitor imergir em um mundo fictício, assim como a entrevistada E³ que destacou que a leitura também é uma forma de concentrar a sua atenção, sejam em qualquer tipo de livro

Sobre os gêneros literários, três dos entrevistados disseram gostar de romance. A primeira entrevistada, a E¹ citou que além de romance também gosta de fantasia, contando:

Então vou falar dois, e acho que os que eu li e os que eu mais leio também né, automaticamente é romance e fantasia. Romance porque não tem como, adoro um (risos) principalmente um clichê, água-com-açúcar eu acho que é muito bom, por mais que às vezes a gente já saiba como vai andar a história, é algo que envolve muito a gente né. E a fantasia justamente pra gente conhecer coisas que são fora de fato da realidade né, poder viajar, explorar outros mundos né entre aspas assim, acho muito legal, fugir um pouco assim da nossa realidade e conseguir imaginar coisas além. (E¹).

E: Esses livros, você prefere, infantil, infanto-juvenil ou adulto ?

Normalmente eu leio juvenil e adulto, mas ultimamente a maior parte é adulto.

A entrevistada E³ fala da sua preferência por romance e justifica que para ela essas histórias podem envolver algum contexto entre o atual ou o passado, e perguntada pela autora se tem preferência entre infantil, juvenil ou adulto, ela diz que gosta do adulto, mas se tiver romance no juvenil ela também vai se agradar pela leitura.

Os entrevistado E⁴ contou que não costuma ter uma preferência por gênero literário, que ele gosta de consumir diferentes estilos que o entretém, mas assume que atualmente está gostando

um pouco mais do drama, pois esses são os tipos de livro que ele tem mais identificação. Perguntado pela autora o seu motivo, ele respondeu dizendo:

É ao mesmo tempo que é uma fuga, ao mesmo tempo que eu disse que é uma fuga dessa realidade, eu gosto de, consigo me projetar naquele personagem específico, de tá ali, e eu conseguir me relacionar e ver a dificuldade de momento, e ver esse personagem em decorrer da jornada dele, ver amadurecer, vivendo, superando dificuldade, problemas emocionais, sociais, financeiros, cria uma inspiração, uma vontade assim de, sei lá, não perder a fé, e no final se eu continuar me esforçando, vai dar certo de alguma forma, é quase como um acolhimento, que o diretor, que os idealizadores me dão. (E4)

Já a entrevistada E² abordou que gosta de livros que a prende, revelando sua paixão por romance e também por mistério, contando:

Eu acho que, acho que...,acho... vou dizer que são dois assim, talvez eu leia mais romance do que mistério, mas são os dois gêneros que eu mais leio assim, o mistério porque a a, se for um bom livro de mistério, é um livro que deixa a minha mente muito acelerada assim, pensando muito sobre, criando teorias, e tentando descobrindo o que pode ter acontecido quem são os suspeitos e tudo mais, e eu acho que os livros de romances é para dar aquela equilibrada de ter algo mais leve no dia a dia de, enfim, ter um pouco de serotonina. (E²)

Visto assim, compreende-se que atualmente os usuários que foram entrevistados buscam por livros mais adultos que possuam mistério, romances ou livros que os despertam identificação, como o caso do entrevistado E⁴. Apesar disso, também nota-se a busca por fugir da realidade através das histórias literárias, como o caso da entrevistada E¹ que gosta de livros de fantasias, que despertam a imaginação do leitor. Também observou-se que a leitura também pode ser uma motivação pessoal, como o caso do E⁴ que revelou acima se identificar com protagonistas mais humanos, pois eles o inspira e traz a possibilidade de aproximar a ficção com a vida real.

Notando isso, percebe-se o quão a leitura pode ser gratificante para aqueles que gostam de ler, pois a partir das falas dos entrevistados notamos o desenvolvimento dos nossos gostos literários ao passar dos anos.

A fim de responder o objetivo de verificar se as adaptações de cinema dos livros infanto- juvenil incentivam a leitura do público juvenil, foi perguntado aos usuários no eixo 4 se “5) Os filmes que você assistiu já te levaram a ler livros específicos, em especial os livros dos quais os filmes foram adaptados?”

As entrevistadas E¹ e E³ citaram o filme “Percy Jackson”, elas contam que foi através do filme que começou o interesse pela história do livro. Além de Percy Jackson, ela também buscou ler o livro após assistir Jogos Vorazes, perguntada pela autora se após ler o livro ela gostou da adaptação, a entrevistada contou que uma o agradou, mas a outra nem tanto, como conta abaixo:

É... acho que Jogos Vorazes e Percy Jackson né, de novo, acho que eu sempre volto pra eles porque foram os que me pegaram quando era mais nova né, os que de fato me prenderam ali na leitura. O Percy Jackson eu vi primeiro o filme e fui ler todos os livros existentes e vi a adaptação que teve né do segundo filme, to esperando agora adaptação pra série que vai ter, espero que seja melhor. E Jogos Vorazes também eu primeiro... não, Jogos Vorazes eu descobri que ia ter o filme e fui atrás dos livros que eu falei “não, agora eu quero ler o primeiro livro antes mesmo de ver o primeiro filme” e aí li a trilogia também e fui atrás pra ver cada filme porque eu queria ver como ia ficar.

Entrevistadora: E você gostou dessas adaptações ?

A de Percy Jackson não tanto (risos), mas a de jogos vorazes eu amei.

Entrevistadora: Por que não gostou ?

Não foi tão fiel à história, fugiu muito, é... eu gosto de dizer até que eles usaram basicamente só os nomes dos personagens certos e os nomes dos lugares, porque a história de fato foi muito mudada.

Entrevistadora: E a de Jogos Vorazes ?

É umas das adaptações que eu acho mais fiéis na verdade assim em relação a livro, filme, é claro mudaram alguns detalhezinhos, inseriram né algumas cenas que não teriam, não tinha no livro, mas foi umas das adaptações fiéis assim que já vi.

Da mesma forma que a entrevistada E¹ citou outros filmes que o fizeram ler a obra que inspirou o roteiro adaptado, a história E³ cita muitos exemplos de filmes que o fizeram ler, como podemos ver abaixo:

A maior parte das sagas que eu já assisti me levaram a ler livros sim, e algumas adaptações também

Entrevistadora: Quais foram elas ?

Harry Potter, a primeira vez que eu assisti foi na época dos 7 ou 8 anos, é, Instrumentos Mortais, eu assisti o filme antes mesmo de ter começado a série, sobre os livros, é, Orgulho e Preconceito, Percy Jackson, O lar da srta Peregrine para crianças peculiares, se eu não me engano foi (latidos de cachorro, não deu para entender a frase final). Agora de cabeça eu não lembro, mas esses foram os que mais me marcaram... Crônicas de Nárnia também, acho que são esses.

Entrevistadora: Depois que você leu, você viu alguma relação de semelhança com o filme ?

Depois que eu vi essa relação, eu acho que a minha preferência maior foi a de ler primeiro, porque eu acho mais aprofundado, mas que depois, essa leitura, ela me desencadeava essa vontade de poder assistir o filme.

Uma outra relação também, acho que foi o de você criar uma ambientação maior, então você passa a vivenciar muito mais aquela obra. (E³)

Com os seus exemplos nota-se a grande influência que Harry Potter trouxe para a usuária, pois foi na sua infância que o interesse pela história surgiu. O mesmo aconteceu com o entrevistado E⁴ que argumentou sobre o que achou da adaptação após ler o livro.

Bem lá atrás, teve a saga clássica do Harry Potter né, e eu consumi, eu acho que tava no cinema, tinha lançado até o quarto filme, terceiro ou quarto filme, eu acho que é isso (risos), eu já tinha assistido os quatro, que foi... Por essa época que eu fui atrás dos livros. A minha mãe trabalhava em uma biblioteca e ela tinha acesso aos sete livros da sala, e eu consumi todos eles assim, de uma vez só, que eu queria conhecer mais daquele mundo, e foi aí, que, foi o meu primeiro impacto assim, entre, que eu tive, entre a versão do cinema e a versão original, a diferença entre as duas, quer dizer, os dois tipos de narrativas.

Entrevistadora: Depois que você leu, gostou da adaptação ?

É, depois que eu consumi os livros, eu ainda gosto, mas perdeu bastante do livro que eu tinha, na época, hoje mais ainda, depois que eu comecei a pesquisar e estudar mais sobre, mas ainda gosto (risos). (E4)

Falando de livros clássicos, como citado pelo entrevistado acima, a entrevistada E² nos contou de uma obra deste gênero que começou a ler recentemente: o livro da “Matilda”, ela diz que sentiu vontade de procurar o livro no acervo online da biblioteca após descobrir uma edição nova pela editora Record, e que apesar de ter assistido o filme várias vezes durante a infância, o interesse pelo livro só surgiu agora.

Após o fechamento das entrevistas e principalmente deste eixo, foi notório observar que a maioria dos livros citados pelos entrevistados foram histórias de livros infanto-juvenis. A entrevistada E³ por exemplo, começou assistir o filme *Harry Potter* ainda na sua infância, e após assisti-lo procurou ler o livro. Igualmente notamos o impacto que a história trouxe para o entrevistado E⁴ que iniciou a leitura de todos os livros após ter assistido o filme. Outra obra que foi bastante comentada pelos nossos entrevistados foi a de Percy Jackson, que apesar de ter uma adaptação que não os agrada, a obra literária que serviu de adaptação para o filme foi bastante elogiada pela entrevistada E¹ que buscou saber mais da história após ter assistido o filme.

Desta forma notamos que, apesar dos usuários não terem a faixa etária do público infanto-juvenil, esses livros foram importantes para a jornada literária, e que além disso, os filmes foram essenciais para dar início a busca por essas obras, e que de certa forma, isso contribuiu para a formação do leitor.

9.1.4 Leitura dos usuários

A partir das informações retiradas do sistema de empréstimo da Biblioteca Parque Estadual, será possível analisar as obras gerais e as do gênero literário infanto-juvenil mais emprestadas aos usuários da biblioteca.

Neste tópico, o bibliotecário contribuiu ao enviar a listagem dos livros que foram mais emprestados pela biblioteca em um período entre 20 de abril de 2022 até 20 de outubro de 2022, ou seja, um período de seis meses.

Para a organização dos *top* empréstimos por obras, a autora separou duas tabelas com as cinco obras mais emprestadas pelos usuários da Biblioteca Parque Estadual, sendo uma com os livros gerais e outra de infanto-juvenil, a fim de descobrir os livros de infanto-juvenil adaptados para o cinema mais procurados pelos leitores. Além disso, as tabelas foram divididas

em título, subtítulo, autor, classificação utilizada pela biblioteca, a quantidade de livros que foram emprestados neste período e a posição em que o livro ficou no *top* empréstimos por obra.

Tabela 2 – Top empréstimos por obra da Biblioteca Parque Estadual

Título	Subtítulo	Autor	Classificação	Quantidade de empréstimos	Posição
Guerra e paz		Leão Tolstoi	891.73	12	1
Coraline		Neil Gaiman	808.899282	9	2
Diário de um banana	Rodrick é o cara	Jeff Kinney	808.899282	9	3
Princípios de física	mecânica clássica e relatividade	Raymond A Serway.	531	9	4
ladrão de raios		Rick Riordan	808.899282	9	5

Fonte: Dados colhidos da pesquisa de campo

Observando a tabela podemos verificar as cinco obras mais emprestadas pela Biblioteca Parque Estadual. A primeira da lista é o livro *Guerra e Paz* do autor Liev Tolstói, um romance histórico publicado no período de 1865 e 1869 que tiveram doze empréstimos, os livros a seguir tiveram um total de nove empréstimos; sendo o segundo da lista a obra *Coraline* do autor Neil Gaiman, que é uma novela fantástica de terror do gênero literário infanto-juvenil publicada no ano de 2002; no terceiro lugar, temos o livro *Diário de um banana: Rodrick é o cara*, do autor Jeff Kinney, o segundo livro da sequência “Diário de um banana” que foi publicado no ano de 2008; já o quarto livro é *Princípios de física: mecânica clássica e relatividade* do autor Raymond A Serway e o último da lista do *top* cinco livros mais emprestados pelos usuários no período de seis meses é o *O ladrão de raios* do autor Rick Riordan, o primeiro livro da série “Percy Jackson & os Olimpianos” baseado na mitologia grega.

A segunda tabela que se encontra abaixo são dos cinco livros mais emprestados do gênero literário infanto-juvenil que foram classificados pela biblioteca com a numeração

808.899282 da Classificação Decimal de Dewey (CDD), um sistema de classificação dividido por assunto, que acabou facilitando na busca pelos livros mais emprestados pelos usuários.

Tabela 3 – Top empréstimos por obra dos livros de infanto-juvenis

Título	Subtítulo	Autor	Classificação	Quantidade de empréstimos	Posição
Coraline		Neil Gaiman	808.899282	9	2
Diário de um banana	Rodrick é o cara	Jeff Kinney	808.899282	9	3
ladrão de raios		Rick Riordan	808.899282	9	5
Diário de um banana	a gota d'água	Jeff Kinney	808.899282	8	9
Diário de um banana	as memórias de Greg Heffley	Jeff Kinney	808.899282	8	11

Fonte: Dados colhidos da pesquisa

Analisando a tabela acima, nota-se que das cinco obras mais emprestadas do gênero literário infanto juvenil, três delas possuem adaptação cinematográfica, e são elas: *Coraline* do roteirista Henry Selick e lançada em 2009, a obra literária se encontra na primeira posição e durante os meses em que a listagem foi analisada ela tinha um total de 9 empréstimos; a outra é *Diário de um banana: Rodrick é o cara* de 2011, uma sequência do primeiro filme *Diário de um Banana* do diretor David Bowers; e o terceiro livro que tem uma obra adaptada é o *ladrão de raios* do diretor Chris Columbus lançado em 2010.

Na tabela acima contém as posições das obras gerais, *Coraline* se encontra na segunda posição com um total de nove empréstimos, o *Diário de um banana: Rodrick é o cara*, está na terceira posição com nove empréstimos, o *ladrão de raios* na quinta posição com nove empréstimos; o outro é *Diário de um banana: a gota d'água* tendo oito empréstimos e na nona posição e o último da lista é o *Diário de um banana: as memórias de Greg Heffley* com oito empréstimos também e está na décima primeira posição.

Sabendo dessas informações, nota-se que das cinco obras mais emprestadas, três são do gênero infanto-juvenil e tem adaptação cinematográfica, e apesar da adaptação de Percy

Jackson ser comentada por um dos entrevistados de forma negativa, ainda assim a obra literária se encontra na lista das mais emprestadas pela BPE. E no top cinco livros infanto-juvenil temos três livros que têm adaptação, sendo os outros dois da mesma série de livros Diário de um banana, uma história que faz a alegria do público juvenil mais novo.

Assim, conclui-se que o objetivo de recolher informações dos livros de infanto-juvenis adaptados para o cinema mais procurados pelos leitores foi concluído, pois através desta listagem pudemos ver e analisar as buscas e empréstimos dos usuários da Biblioteca Parque Estadual.

10 CONCLUSÃO

A adaptação cinematográfica das obras literárias vem crescendo cada vez mais em nossa sociedade, desta forma, este trabalho teve o intuito de contribuir para o entendimento do papel dessas adaptações na formação de novos leitores. Pensando em uma forma de responder se é possível que as obras cinematográficas adaptadas de livros infanto-juvenis possam incentivar o gosto pela leitura e a criação de novos leitores, utilizou-se entrevistas com usuários da Biblioteca Parque Estadual na tentativa de responder o problema inicial da pesquisa. A partir das entrevistas foi visto que as adaptações cinematográficas podem ser interpretadas de diversas formas, sejam elas positivas ou negativas, mas que, ainda assim, elas podem, de alguma forma, incentivar as pessoas que gostam de filmes a terem o gosto pela leitura.

No primeiro objetivo foi possível analisar as adaptações literárias dos livros infanto-juvenil para o cinema através das respostas dos usuários, foi perceptível notar que as adaptações que mais possuem destaque entre eles são as obras cujo tema é a fantasia. Percebe-se que histórias que são capazes de trabalhar com o imaginário chamam mais a atenção dos leitores mais jovens que estão buscando ler livros que os tirem da realidade.

Em relação ao segundo objetivo, concluímos que os usuários da Biblioteca Parque Estadual buscam por livros que têm adaptação cinematográfica, pois a partir das listas dos livros mais emprestados que foram fornecidas pelo bibliotecário da biblioteca, observou-se que os livros mais procurados por eles são os de histórias infanto-juvenis.

Já no terceiro objetivo, podemos conhecer a relação dos usuários com a Biblioteca Parque Estadual, entretanto, ficou claro que para que essa relação exista de forma frequente é preciso que o usuário trabalhe perto do Centro, ou até mesmo na própria biblioteca, pois apesar de estar localizada no Centro do Rio de Janeiro, alguns dos usuários moram distantes do local, além de não poderem frequentar nos dias de semana, já que a biblioteca só funciona de segunda à sexta.

E no último objetivo não ficou claro como e se as adaptações de cinema dos livros infanto-juvenis incentivam a leitura do público juvenil, isso porque os usuários entrevistados possuem uma faixa etária acima da idade do público infanto-juvenil. Porém, a partir de suas falas, nota-se que grande parte deles quando eram mais novos tiveram algum incentivo familiar, de bibliotecas públicas e de salas de leitura que têm nas escolas, o que acaba facilitando o acesso na busca por livros, como foi o caso de um dos entrevistados que assistiu os filmes do Harry Potter e após ter gostado, sua mãe, que trabalhava em uma biblioteca, levou todos os livros da coleção para ele ler.

Com isso, a partir das entrevistas podemos dizer que se um leitor é assíduo, as adaptações cinematográficas o incentiva a pesquisar e ler o livro muito antes de assistir o filme. Isso é feito para que este leitor veja a obra fílmica com um olhar mais crítico. E que quando se é um novo leitor, as obras cinematográficas o fazem ler o livro por curiosidade e vontade de se aprofundar mais na história. Ou seja, sendo ou não um leitor, assistir o filme baseado em um livro faz com que as pessoas busquem ler mais.

Durante a pesquisa foram encontrados diversos trabalhos sobre adaptação, cinema e leitura, no entanto, não foi possível encontrar trabalhos que relacionassem os três temas, e a visão do leitor sobre a adaptação cinematográfica de livros infanto-juvenis. E por isso, se busca a ideia de ter novos trabalhos que se insiram no assunto principal.

Em relação aos trabalhos futuros, seria interessante se aprofundar na visão de usuários de bibliotecas públicas e escolares sobre o incentivo que as adaptações cinematográficas de obras literárias podem fazer para eles, e de que forma isso pode contribuir para a formação como leitor, seja de obras literárias infantis, de infanto-juvenis e adultos.

Conclui-se que, a partir da visão dos usuários da Biblioteca Parque Estadual, as adaptações cinematográficas de obras literárias do gênero infanto-juvenil são capazes de dar início à busca por livros e incentivar a leitura.

REFERÊNCIAS

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL, O TEATRO O CINEMA E A TELEVISÃO.

Cesad, [s/d]. Disponível:

https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/17314516022012Literatura_Infanto_Juvenil_Aula_8.pdf. Acesso em: 22 ago. 2022

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. **Biblioteca pública**: avaliação de serviços.

Londrina : Eduel, 2013. 288 p. Disponível em:

https://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/biblioteca%20publica_digital.pdf. Acesso em: 17 out. 2022

AMARAL, Bibiana Borges. SILVEIRA, Julienne da Silva. Uma análise dos recursos de adaptação do filme da obra “As crônicas de Nárnia - O leão, a bruxa e o roupeiro”. **Revista Humanidades e Inovação**, [S.l], v. 8, n. 54, p. 32-43, ago, 2021. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/6322>. Acesso em: 1 set. 2022

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Fundamentos da Ciência da Informação: correntes teóricas e o conceito de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 57-79, jan./jun. 2014. Disponível em: Fundamentos da Ciência da Informação: correntes teóricas e o conceito de informação (brapci.inf.br). Acesso em: 16 maio. 2022.

ARAUJO, Naiara Sales. Cinema e Literatura: adaptação ou hipertextualização ?. **Littera: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 6-23, jan./jul. 2011.

Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/449/272>. Acesso em: 5 set. 2022

AZEVEDO, Alcione Aparecida; CARVALHO, Letícia Queiroz de. A literatura infantojuvenil e a crônica: reflexões sobre a formação do leitor. In: CARVALHO, Letícia Queiroz de; MARTINELLI FILHO, Nelson. (Org.). **Diálogos com a literatura infanto-juvenil**: escola, livros e leitores. São Carlos, SP : Pedro & João Editores ; Vitória, ES : Instituto Federal do Espírito Santo. p. 31-49. Disponível em: https://profletras.vitoria.ifes.edu.br/images/stories/E-Books/LIVRO_5_-_DI%C3%81LOGOS_COM_A_LITERATURA_INFANTOJUVENIL_ATUALIZADISSIMO.pdf . Acesso em: 5 set. 2022

BARROS, Antonio Claudio da Silva. A literatura na tela grande: obras de Rubem Fonseca adaptadas para o cinema. 2007. 113 f. Dissertação (Mestrado em Literatura). Programa de Pós Graduação em literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/2698>. Acesso em: 13 jul. 2022

BALOGH. Anna Maria. **Conjunções, disjunções, transmutações: da literatura ao cinema e à TV**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005. 122 p. Disponível:

https://books.google.com.br/books?id=C_j24PGpdSoC&printsec=copyright&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 1 set. 2022

BARROS, Antonio Claudio da Silva. A literatura na tela grande: obras de Rubem Fonseca adaptadas para o cinema. 2007. 113 f. Dissertação (Mestrado em Literatura). Programa de Pós Graduação em literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/2698>. Acesso em: 13 jul. 2022

BAUMGARTEN, Mariana. Entre mitos e monstros: a figura do herói em Percy Jackson e os olímpianos. 2019. 54 f. Monografia (Bacharel em Letras Português) - Curso Letras Português

do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/199765/TCC_Vers%C3%A3oFinal.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 1 set. 2022

BÉNICA, Mariana Marcon. Adaptações de livros para o cinema e sua influência na formação de leitores. **Revista Práticas de Linguagem**, [S.l.], v. 6, n. 1, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2016/08/63-83-Adapta%C3%A7%C3%B5es-de-livros-para-o-cinema-e-sua-influ%C3%Aancia-na-forma%C3%A7%C3%A3o-de-leitores.pdf>. Acesso em: 14 set. 2022

BIASIOLI, Bruna Longo. As interfaces da literatura infanto-juvenil: panorama entre o passado e o presente. **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**, [S.l.], v. 9, p. 91- 106, 2007. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol9/9_9.pdf. Acesso em: 12 jun. 2022

BIBLIOTECA PARQUE ESTADUAL: onde a diversidade é fundamental. **Guia Cultural do Centro Histórico do Rio de Janeiro**, [201?]. Disponível em: <http://guiaculturalcentrodorio.com.br/biblioteca-parque-estadual/>
BRITO, João Batista. **Literatura no cinema**, 2006. Disponível em: https://imagensamadasdotcom.files.wordpress.com/2011/04/literatura_no_cinema.pdf. Acesso em: 17 out. 2022

BRUNO, Bruna Brasil Seixas. Adaptações literárias no cinema e como elas incentivam a leitura: O caso Harry Potter. Orientadora: M^a. Lucia Maria da Cruz Fidalgo. 2016. 52 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016. Disponível: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/2687/1/Bruna%20Brasil%20Seixas%20Bruno.pdf>. Acesso em: 27 maio. 2022

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de Informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/j7936SHkZJkpHGH5ZNYQXnC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 16 maio. 2022

COSTA, Francisco das Chagas Souza. A literatura infantojuvenil e a construção do leitor: algumas considerações. **Linguagens & Letramentos**. Campina Grande, PB, v. 1, n. 2, p. 98-110. 2016. Disponível em: <https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/linguagensletramentos/article/view/51/0>. Acesso em 29 maio. 2022

COSTA, Tiago Goulart. O ensino de literatura em livros didáticos para ensino de língua portuguesa no ensino médio nos anos 1970 e 2000. [S.d]. 47 f. Monografia (Licenciatura em Português/ Inglês) - Curso de Letras, [S.d]. Disponível em: https://www.revistadoisat.com.br/numero9/8%20Tiago_Goulart_Leitura.pdf. Acesso em: 30 maio. 2022

CRISTÓFANO, Sirlene. Literatura no cinema: o diálogo entre a arte literária e a arte cinematográfica em Frankenstein, de Mary Shelley. **Revista de Literatura, História e**

Memória, Paraná, v. 6, n. 7, p. 201–215, 2010. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/4432/3408>. Acesso em : 9 dez. 2022.

CURIA, Denise Fonseca dos Santos. A Literatura Infanto-juvenil na contemporaneidade: um outro olhar para o literário em sala de aula. **Revista Thema**, [S.l.], v. 9, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/134/73>. Acesso em: 11 jun. 2022

CUSTÓDIO, Julia. Das páginas para as telonas: um pouco mais sobre as adaptações cinematográficas de livros. **Jornalismo Júnior**, São Paulo, 26 fev 2022. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/das-paginas-para-as-telonas-um-pouco-mais-sobre-as-adaptacoes-cinematograficas-de-livros/>

DIEGO. Marcelo da Rocha Lima. Adaptação como adaptação. Rio de Janeiro: Palimpsesto, 2009. Resenha de: HUTCHEON, Linda. A theory of adaptation. Routledge, 232 p. 2006. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/35143>. Acesso em: 15 maio. 2022

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. Trad sob a direção de Claudia Freire. São Paulo: UNESP, 2006. 384 p. Disponível em: História da leitura - Google Livros. Acesso em 29 maio. 2022

FLORÊNCIO. Felipe Jailson S. O. Florêncio. As interações e experiências de fãs de Harry Potter no Brasil e na Bélgica. In: Andrea Saad Hossne; Beatriz Masson Francisco. (Org.). **Harry Potter: caminhos interpretativos**. Campinas, SP : Pontes Editores, 2021. p. 108-135. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/download/750/667/2483?inline=1>. Acesso em: 1 set. 2022

GALVÃO, Maria Cristina Barbosa. Os conceitos dos termos biblioteconomia, documentação e ciência da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 26, n.1/2, p.100-114, jan./jun. 1993. Disponível em: <https://www.brapi.inf.br/index.php/article/download/19245>. Acesso em 15 maio. 2022

GAVA. Sabrina da Silva. Percy Jackson e O Ladrão de Raios : cartografando sentidos entre mito, indústria cultural e educação visual, 2017. 136 f. Dissertação (Mestrado em Processos Socioeducativos e Práticas Escolares) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São João Del-Rei, 2017. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradoeducacao/DissertacaoSabrinadaSilvaGava.pdf>. Acesso em 1 set. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo : Atlas, 2002. 175 p. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 15 nv. 2022

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo : Atlas, 2008. 200 p. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2022

GÓIS, Luciana Ribeiro dos Santos. **O ensino da leitura nas escolas de ensino fundamental II**. Brasília, 2012. 52 f. Monografia (Curso de Licenciatura em Letras Universitário de Brasília) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, 2012. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/3488/2/TCC%20Luciana.pdf>. Acesso em 29 maio. 2022.

GUALDA, Linda Catarina. Literatura e Cinema: elo e confronto. **MATRIZES**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 201-220, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38267/41072>. Acesso em: 17 set. 2022

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. 2. ed. Florianópolis: : Ed. da UFSC, 2013. 280 p.

JOZEF, Bella. Cinema e literatura: algumas reflexões. **Contexto**, Espírito Santos, n. 17, p. 236 -253, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/6601>. Acesso em: 22 jul. 2022

LEMONS, Ana Cláudia Monteiro Ribeiro. **“Fala sério, Mãe!”: um estudo comparativo entre a obra literária e sua contribuição na formação do leitor**. 2019. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização)- Teoria e Prática da Formação do Leitor pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1081/26176_0000069e.pdf?sequence=-1&isAllowed=y, Acesso em: 1 set. 2022

LOPES, Chico. Cinema e Literatura: Dança e Tropeço. **Verdes trigos**, [S.l.], 2004. Disponível em: http://verdestrigos.org/sitenovo/site/cronica_ver.asp?id=246. Acesso em

LUCENA, Felipe. História da Biblioteca Nacional. **Diário do Rio**, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://diariodorio.com/a-historia-da-biblioteca-nacional-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 17 out. 2022

LUFT, Gabriela. A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, [S.l.], n. 36, p. 111- 130, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9712>. Acesso em: 12 jun. 2022

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura ?**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 87 p.

MATHEUS, Renato Fabiano. Rafael Capurro e a filosofia da informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, , v. 10, n. 2, p. 140-165, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/44176>. Acesso em 05 dez. 2023

MAZIEIRO, Estefania; NIEDERAUER, Silvia Helena. Literatura infanto juvenil: dos contos de fadas às narrativas contemporâneas. **Disciplinarum Scientia**, Santa Maria, v. 10, n. 1, p. 111-128, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.edu.br/index.php/disciplinarumALC/article/view/741>. Acesso em: 20 out. 2022

MORALES, Camila Pereira. Polissemia para um leitor imersivo: alterações contemporâneas da mensagem publicitária. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Blumenau, p. 1-14, 2009. Trabalho apresentado no X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Blumenau, 2009. Disponível: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0617-1.pdf> . Acesso em: 2 out. 2022

NOVO, Benigno Núñez. A sociedade da informação: Breve análise sobre a sociedade da informação. **Brasil Escola**, 2021. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-sociedade-da-informacao.htm>. Acesso em 22 maio. 2022

OLIVEIRA, Antonio Deusivam; PRADOS, Rosálio Maria Netto. O que é leitura ?. **Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós**, [S.l.], Ano, 4, n. 16, 2014. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170509161145.pdf. Acesso em 29 maio. 2022

PORTELLA, Célia Maria. Releitura da Biblioteca Nacional. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 24, n. 69, p. 247-264, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10524/12266>. Acesso em: 18 out. 2022

RODRIGUES, Flavio Luis; ZANINELLI, Renata. A literatura e adaptação cinematográfica: diferentes linguagens, diferentes leituras. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, [S.l.], v. 8, n. 31, p. 45-58, out./dez. 2009. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/setembro2012/portugues_artigos/literatura_adaptacao.pdf. Acesso em: 17 out. 2022

SANTAELLA, Lucia. O livro como prótese reflexiva. **MATRIZES**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 21- 35, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1430/143066289004/html/>. Acesso em: 18 out. 2022

SANT'ANNA. Jaime dos Reis. Fala sério, Thalita: é a literatura de massa uma estratégia eficiente para a formação do leitor literário?. **R. Letras**, Curitiba, v. 19, n. 24, p. 43-58, mar. 2017. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/5588>. Acesso em: 1 set. 2022

SILVA, José Aroldo da. Discutindo sobre leitura. **Fólio- Revista de Letras**, Vitória da Conquista, v. 3, n. 2, p. 221-234, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/3481/2890>. Acesso em 29 maio. 2022.

SILVA, Aline Gonçalves da. Bibliotecas Parques no Rio de Janeiro: breve histórico. **PontodeAcesso**, Salvador, v.10, n.1, p.32-45, abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/13012/11059>. Acesso em: 17 out. 2022

SILVA, Daniele Cristina Agostinho. Literatura infantojuvenil. **InfoEscola**, [s.d]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/literatura/literatura-infantojuvenil/>. Acesso em 22 jun. 2022

SIQUEIRA, Jessica Câmera. Biblioteconomia, documentação e ciência da informação: história, sociedade, tecnologia e pós - modernidade. **Perspectivas em Ciência da**

Informação, Minas Gerais, v.15, n.3, p. 52-66, set./dez 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/JLDst4yxd9zVJvCTvmzS4wv/?lang=pt>. Acesso em 15 maio. 2022

SIQUEIRA, Jessica Câmera. A noção do termo “Informação”: revisão literária. **BJIS**, Marília (SP), v.5, n.1, p. 73-96, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/1264/1470>

Sobre o CCBB. **CCBB**, [202?]. Disponível em: <https://ccbb.com.br/rio-de-janeiro/sobre-o-ccbb/#:~:text=Criada%20em%201931%2C%20a%20biblioteca,Artes%2C%20Literatura%20e%20Ci%C3%Aancia%20Sociais>.

STAM, Robert. Teoria da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, n. 51, p. 19-53, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4783/478348689002.pdf>. Acesso em: 2 maio. 2022

SUAIDEN, Emir José. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 52-60, maio/ago. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/JJCz6RKQhDZNGG6yVdL9pQP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2022

TARGINO, Rodolfo. Bibliotecas Parques. **Biblioo cultura infomacional 10 anos**, 2014. Disponível em: <https://biblioo.info/bibliotecas-parques/>. Acesso em: 18 out. 2022

TAVARES, Bruno Souza. Srta. Granger, três voltas devem bastar”: o tempo e a adaptação literária em Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban. In: Andrea Saad Hossne; Beatriz Masson Francisco. (Org.). **Harry Potter: caminhos interpretativos**. Campinas, SP : Pontes Editores, 2021. p. 192-209. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/download/750/667/2483?inline=1>. Acesso em: 1 set. 2022

THEBAS. Isabella. A origem do cinema. **Instituto de cinema**, [s.d]. Disponível em: <https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/a-origem-do-cinema>. Acesso em: 3 jul. 2022

VERDOLINI. Thais Helena Affonso. Tradução de literatura infanto-juvenil contemporânea no Brasil. **Editora pucrs**, 15p, [s.d]. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/IICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S1/thaisverdolini.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2022

ZILBERMAN, Regina. Introduzindo a Literatura Infanto-Juvenil. **Perspectiva**: Florianópolis. v. 2, n. 4, p. 98–102, jan./dez. 1985. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10106/9326>

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Eixo 1 – Sobre o entrevistado.

- 1) Mapeamento sócio-econômico: idade; gênero; raça/etnia; local de moradia; renda.

Eixo 2 – Relação com a Biblioteca Parque Estadual.

- 1) Quando você conheceu a Biblioteca Parque?
- 2) Com que frequência você vai à Biblioteca Parque ?
- 3) Você mora perto da Biblioteca Parque ?

Eixo 3 – Cinema

- 1) Você gosta de assistir a filmes?
- 2) Quando você vê filmes, sabe se eles são baseados em livros? Isso faz alguma diferença pra você?
- 3) Você já assistiu algum filme por causa da leitura de algum livro ?
- 4) Nesse caso, o que você acha da maioria das adaptações cinematográficas baseadas em livros ?

Eixo 4 – Leitura

- 1) Você gosta de ler ?
- 2) Com quantos anos você começou a se interessar pela leitura ?
- 3) O que te atrai na leitura ?
- 4) Qual o gênero literário que você mais gosta de ler? E por que ?
- 5) Os filmes que você assistiu já te levaram a ler livros específicos, em especial os livros dos quais os filmes foram adaptados?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Grupo a ser pesquisado: Usuários da Biblioteca Parque Estadual que buscam livros de literatura infanto-juvenil que foram adaptados para o cinema.

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: **“Adaptação cinematográfica dos livros de infanto-juvenil e o incentivo à leitura: os usuários da Biblioteca Parque Estadual”**

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/ Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG)

E-mail de contato: comissaotcc.cbg@gmail.com

Orientador: Robson Santos Costa

Orientando: Nayara Vitória Caldas da Silva

1 OBJETIVO DA PESQUISA

O objetivo geral deste trabalho é analisar se é possível que obras cinematográficas adaptadas de livros infanto-juvenis possam incentivar o gosto pela leitura e a criação de novos leitores.

2 EXPLICAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS

O trabalho é de abordagem qualitativa e qualitativa e a técnica utilizada para obter os dados coletados será por meio de entrevistas com usuários da Biblioteca Parque Estadual. Os dados serão analisados com o objetivo de compreender se as adaptações cinematográficas dos livros infanto-juvenil possam incentivar a leitura e construir novos leitores.

3 POSSÍVEIS RISCOS E DESCONFORTOS

Os procedimentos envolvidos neste estudo não devem proporcionar desconfortos ou riscos ao respondente. Tampouco proporcionará exposição de ideias e fatos não desejados.

4 DIREITO DE DESISTÊNCIA

O respondente poderá desistir, a qualquer momento, de participar do estudo, não havendo qualquer consequência decorrente dessa decisão.

5 SIGILO

Todas as informações obtidas no estudo poderão ser publicadas com finalidade exclusivamente acadêmica. E será preservado o completo anonimato da identidade do respondente (nenhum nome será identificado em qualquer material divulgado sobre o estudo).

6 TERMO DE CONSENTIMENTO COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu, _____
CPF _____, declaro ciência das informações acima com os devidos esclarecimentos das minhas dúvidas. Sendo assim, por este instrumento, tomo parte, voluntariamente, do presente estudo.

Local e data

Assinatura do participante